

O TEMPO, O QUE É?

Uma história dos tempos

Prefácio:
Roger Chartier

Apresentação:
Leonardo Boff

Wiliam Martinhão



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	5
PREFÁCIO.....	9
INTRODUÇÃO.....	13
PRELÚDIO	
APORIA.....	17
CAPÍTULO I	
INTRODUÇÃO ÀS CONCEPÇÕES DE TEMPO	19
CAPÍTULO II	
AS FORMAS DE TEMPO – apontamento incipiente.....	24
CAPÍTULO III	
TEMPO E HISTÓRIA.....	30
CAPÍTULO IV	
ALGUMAS CONCEPÇÕES DE TEMPO NO MUNDO CLÁSSICO.....	45
CAPÍTULO V	
A CONCEPÇÃO DE TEMPO NA IDADE MÉDIA.....	60
CAPÍTULO VI	
A CONCEPÇÃO DE TEMPO NO MUNDO MODERNO.....	72

CAPÍTULO VII

**CONCEPÇÕES DE TEMPO NAS MUITAS CORES DO
BRASIL – ETNIAS INDÍGENAS.....86**

CAPÍTULO VIII

O TEMPO DAS REDES.....99

ÚLTIMO APONTAMENTO.....119

AGRADECIMENTOS.....123

BIBLIOGRAFIA125

Aos meus Pais...



APRESENTAÇÃO

Prezado amigo e colega prof. Martinhão

O que diria aos jovens hoje sobre o tempo? Você me impôs uma tarefa mais árdua do que fazer uma reflexão sobre o tempo, mas tento dizer algo que o tempo me ensinou.

"Meus caros jovens,

Considerem a vida, o valor supremo, acima do qual só há o Gerador de toda vida.

O sentido da vida é viver, simplesmente viver, mesmo na mais humílima condição. Viver é brilhar, irradiar e realizar, a cada momento, a alegre celebração da vida.

A vida é sempre uma vida **com** e uma vida **para**.

Vida **com** outras vidas, vidas humanas, vidas na natureza e vidas que por acaso existirem no univer-

so. E vida **para** dar-se a outras vidas para que a vida continue vida.

Mas a vida tem uma pulsão interior que não pode ser freada. A vida quer se expandir, quer se encontrar com outras vidas. A vida é só vida quando é vida **com** e vida **para**.

Sem o **com** e sem o **para** a vida não existiria como vida.

A pulsão irrefreável da vida faz com que ela não queira só isso e aquilo. Quer tudo. Quer até a Totalidade, quer o Infinito.

Ela carrega dentro de si um projeto infinito. Este projeto infinito a torna feliz e infeliz. **Feliz** porque encontra, ama e celebra outras vidas e tudo o que está ao seu redor, mas é **infeliz** porque tudo o que encontra, ama e celebra é finito, lentamente se desgasta e cai sob o poder da morte. Apesar dessa finitude em nada enfraquece a pulsão pelo Infinito.

Quando encontrar esse Infinito repousa, experimenta uma plenitude que ninguém lhe pode dar, mas que só ela pode construir, desfrutar e celebrar.

A vida é inteira, mas incompleta. É inteira porque dentro dela está o real e o potencial, mas é incompleta porque o potencial ainda não se fez real. E como

o potencial é ilimitado a vida nunca se faz completa para sempre. Permanece como abertura e espera para uma completude que quer e deve acontecer.

Aqui surge o tempo. **O tempo é a espera daquilo que pode vir.** Essa espera é a nossa abertura, capaz de acolher o que pode vir, fazer-nos de inteiros, mais completos.

Viva intensamente cada momento do tempo. O passado já não existe porque passou, o futuro não existe porque ainda não veio, só existe o presente. Viva-o com absoluta densidade, valorize cada momento, ele traz o futuro para o presente e ele enriquece o passado.

Cada momento é eterno, só pode ser vivido, não pode ser apreendido, aprisionado e apropriado. Só ele **é**. Um dia foi e um dia será. Ele só conhece o presente, nem o passado nem o futuro, por isso o **“é”** do tempo significa a presença da eternidade. Nós estamos imersos na eternidade. Quem tem consciência disso?

Viva esse **“é”** como se fosse o primeiro e o último. Assim você mesmo se eterniza. E eternizando-se participa Daquele que sempre **é** sem passado nem futuro. Esse **é** vem sob mil nomes: Tao, Shiva, Alá, Olorum, Javé, Deus, nomes que não cabem em nenhum dicionário. Cada um deve dar-lhe o nome que o nome de sua participação nEle e de seu amor por Ele. Esse nome fica inscrito em todo o seu ser, mas principal-

mente em seu coração. Então o seu coração e o coração dAquele que é formam um só e imenso coração".

Leonardo Boff.



PREFÁCIO

O QUE É O TEMPO?

O tempo não é uma coisa. Contudo é uma realidade tornada visível com a sucessão dos dias e das noites.

O tempo é universal. Contudo cada civilização teve e tem sua própria maneira de organizar o calendário, de dividir os períodos do tempo e de nomear seus vários pedaços.

O tempo é um envelope para tudo o que acontece. Contudo todos os fenômenos não são localizados na mesma duração. Sabemos bem as diferenças entre os eventos brutais e efêmeros e os ciclos econômicos ou demográficos ou a longa duração das realidades que parecem imóveis.

O tempo passou e passa para a humanidade inteira. Contudo cada sociedade teve e tem uma relação particular com as temporalidades. Algumas buscaram no passado as lições que podem orientar decisões e atua-

ções. Outras se projetaram no futuro sempre pensado como um progresso. Outras são obcecadas pelo presente, talvez seja o caso de nosso mundo.

O tempo é uma série ininterrupta de momentos sucessivos. Contudo algumas civilizações o pensaram como um eterno retorno, como uma série de ciclos que sempre desenvolviam uma mesma história, enquanto outras civilizações concebiam esses momentos como sequências de um tempo linear, em linha reta, sem voltas atrás.

O tempo é vivido sempre no presente. Contudo faz real o passado nas lembranças da memória, faz desejar ou temer o futuro, introduz a saudade ou a esperança em cada instante da experiência mais imediata.

O tempo impõe seus ritmos a todos. Contudo não está vivido da mesma maneira por todos os homens e mulheres que compõem uma sociedade. Os poderosos controlam o tempo dos outros. Os que não são submetidos às urgências do cotidiano são donos de seu próprio tempo. Os que devem afrontar as dificuldades de uma vida frágil e difícil não têm domínio do tempo. As relações com o tempo são fortes expressões das desigualdades sociais.

E para você, o que é o tempo? Como o pensa? Como o vive?

Roger Chartier.

O TEMPO É O TECIDO DA VIDA.

Antônio Candido.



**SERÁ VERDADE QUE HÁ APENAS
UM TEMPO ÚNICO, UM MESMO
TEMPO PARA TUDO? SERÁ
VERDADE QUE ESTE TEMPO É
ÚNICO, É CONTÍNUO?**

Gaston Bachelard.





INTRODUÇÃO

Buscamos neste livro um caminho para sair da floresta escura do não saber sobre o fenômeno **tempo** e do incômodo que isso gera nas mentes questionadoras.

Saber identificar e conhecer variadas formas e expressões de tempo é também se autoconhecer enquanto humano com participação na construção da história. Pois a ideia de tempo nasce do chão, como plantas e jardins, e não surge do mundo dos deuses. Quero dizer com isso que o tempo é uma construção realizada por nós e que tem sua origem na materialidade das relações humanas.

REPRESENTAÇÃO: significa utilizar a linguagem para compreensivelmente expressar algo sobre o mundo ou a outras pessoas. É o processo psíquico pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Representar envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que significam nossas experiências no mundo.

Quando pensamos e falamos de tempo, estamos, implicitamente, refletindo sobre os modos como nos organizamos no mundo. Estamos falando do fenômeno que surge nos interstícios das nossas relações com o outro em determinadas condições e contextos em que vivemos.

O tempo é representação que preenche o vazio.

É um fio invisível que sustenta e perpassa nossas relações, as quais estão em constantes movimentos e transformações. Mas como conseguimos apreender o tempo? Como esse fenômeno invisível, que nasce no entre, no vazio, nos interstícios, torna-se visível?

O tempo, ou os tempos, só podem ser conhecidos através das narrativas que só nós, humanos, temos e criamos. Todas as outras espécies de animais possuem maneiras de se comunicar, mas só nós temos uma linguagem que cria mundos imaginários, símbolos, outras vidas, deuses, obras de arte, desenhos, músicas, números, línguas, palavras escritas, relógios, calendários, rituais, ficções etc.

É através das narrativas em suas múltiplas linguagens que conseguimos nomear, definir, tornar visíveis os variados tempos em sociedades e culturas plurais.

Os tempos são representações, ou seja, traduções das experiências e dos pensamentos em variados sig-

nos instituídos nas culturas que conferem sentido de ordem individual ou coletiva. Assim como as sociedades e culturas são várias, assim também as representações de tempo são múltiplas.

E tal multiplicidade pode ser observada em disputas de representações visando domínio de umas sobre outras para manutenção social de poder. O tempo enquanto representação é e pode ser instrumento de domínio de certas classes e organizações sobre outras.^{1 2}

Conhecer essas variadas expressões culturais e sociais de tempo liberta-nos da falsa ideia, às vezes comum, de que não podemos mudar e construir novas maneiras de nos organizarmos no mundo, ou seja, de experienciar novas temporalidades.

Este livro é tecido a partir de pesquisa bibliográfica, a qual busca compreender o significado do conceito de tempo e de como ele é plural e representado ao longo da história em diversas culturas.

Neste livro você encontrará os tempos em algumas sociedades como a dos egípcios, dos gregos, dos europeus medievais, também observará os tempos no mundo moderno que se configura ineditamente.

Você também encontrará as concepções de tempo em algumas comunidades indígenas no Brasil. Outro contato que terá é com a temporalidade na raiz *etno-*

linguística Banto, a qual é uma das bases embrionárias linguísticas e cultural do povo brasileiro. Base vinda com a maioria das pessoas trazidas da África como escravos para o Brasil a partir do século XVI. Por fim observará os tempos na era das redes com suas tecnologias digitais.

Espero que esta pesquisa contribua com o seu conhecimento.

Prof. Martinhão.



PRELÚDIO

APORIA

Você já percebeu que existem perguntas às quais nos esforçamos pensando para responder e não há respostas? Ou melhor, não há uma única resposta capaz de esgotar a dúvida, já percebeu?

A esse tipo de pergunta sem uma resposta exata, capaz de solucioná-la totalmente, os antigos filósofos deram o nome de **aporia**. **Aporia** é uma palavra que significa **sem passagem**. Temos a letra "a" como prefixo de negação junto com a palavra "**póros**" que significa **passagem**. A palavra póros é também usada para denominar as aberturas em nossa pele que dão vazão ao suor e aos pelos.

Pois é, algumas perguntas são **aporias** – sem passagem fácil. Exemplos: o que é vida? O que é amor? O que é morte? E a aporia que dá origem a esse livro: o tempo, o que é?

Aporia é um beco quase sem saída, digo quase, pois não temos uma saída que nos satisfaça plenamente. Então, a nossa espécie construiu várias formas, passagens, para responder a essas perguntas tão fáceis de serem feitas, mas tão complicadas de serem respondidas.



CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO ÀS CONCEPÇÕES DE TEMPO

Vamos observar algumas concepções de tempo ao longo da história humana. Para isso é preciso compreender que a história não anda em uma linha reta, pois ela não é feita em linha que evolui, nem é feita com acontecimentos e tempos que sucedem um ao outro como em uma fila, é feita em cambaleios, idas e voltas, momentos parecidos, mas nunca se repete.

A concepção de tempo: a linguagem organiza a bagunça

A nossa espécie, *sapiens*, surgiu há aproximadamente 150 mil anos. Foram milhares de anos de mudanças e transformações até que nós desenvolvêssemos uma linguagem capaz de imaginar as coisas que não existem, mas que são importantes, ou seja, que não existem no mundo objetivo como uma coisa, mas existem

no mundo simbólico e isso faz toda diferença.

O nascimento da linguagem, da maneira humana de se comunicar, que possibilita imaginar espíritos de outro mundo, acreditar em deuses, imitar o mundo real através de desenhos

nas paredes das cavernas, fazer ritual para enterrar os mortos e, às vezes, erroneamente, enxergar-se separado da natureza como uma espécie muito especial, teve origem há aproximadamente 70 mil anos.³

Todas as espécies possuem modos de comunicação. Os gatos, os cachorros, as abelhas, os pássaros, as formigas etc. Mas pelo que sabemos, até hoje, só nós somos capazes de criar símbolos que transmitem informações sobre coisas que não vemos, mas que podem existir. Só nós representamos o mundo através de múltiplas linguagens e símbolos.

O tempo é uma ideia que faz parte das representações criadas pela nossa espécie e significada através das linguagens. Essa ideia ajudou-nos e ajuda até hoje a nos organizarmos no mundo.

LINGUAGEM: Meio de comunicar ideias ou sentimentos através de sinais convencionais que podem ser gráficos, sonoros, gestuais etc. Ou qualquer som, palavra, imagem ou objeto que funcionem como signos, que sejam capazes de carregar e expressar sentido e que estejam organizados com outros em um sistema é uma linguagem.

Nossos ancestrais viviam em meio à natureza com os seus perigos batendo à porta. Era preciso orientar-se, organizar-se e manter vivo os seus descendentes, estes descendentes deviam manter vivo o conhecimento e a sabedoria passada pelos ancestrais e, para isso, organizar-se era importante para a proteção e manutenção da vida individual e coletiva.

Quando começamos, a partir da observação acerca das mudanças da natureza, a ver como determinadas frutas nascem em um momento e em outros não, como a movimentação dos astros no céu se repete, como as caças migram, comportam-se a partir das mudanças no clima e que existe uma espera para atrair e abater a caça, inicia-se então a percepção de tempo.

CONSCIÊNCIA: mecanismo mental desenvolvido através da nossa interação com o mundo. Através de tal mecanismo articulamos, filtramos e denominamos, através da linguagem, os pensamentos e emoções.

A ideia de tempo enquanto ciclo da natureza e espera começa a tomar forma em nossa subjetividade quando desenvolvemos a consciência, gerada pela linguagem, de que estamos diante de eventos transitórios que deixam marcas na natureza e em nossa memória.

Ao longo do transcurso da história humana a ideia de tempo aparece e é representada por desenhos nas

paredes das cavernas, por rituais usando objetos como símbolos - tais como pedras, madeiras, pó de argila, alimentos e outros.⁴

O símbolo é um elemento da linguagem, é o uso de um ou mais objetos que comunicam uma mensagem. É através da observação da natureza e do desenvolvimento da linguagem que a ideia de tempo se perfaz na subjetividade e faz-se elemento fundamental na organização dos humanos em sociedade.

A morte e a experiência de tempo

Nós, humanos, temos consciência da morte e esta é objeto de reflexão constante. Não só nos angustiamos com a morte, mas pensamos sobre ela desde quando desenvolvemos consciência de nós no mundo.

Há indícios, de pelo menos 35 mil anos, sobre como nós lidamos com a morte e que revelam uma consciência de tempo como transição. Havia, nessa época, rituais de enterro dos entes queridos. Os mortos eram cercados por armas que serviam para caça, eram até mesmo enterrados com comida.

Em alguns casos os corpos eram cobertos com um pó de argila da cor vermelha, simulando sangue e representando a vida, talvez com a intenção de evitar a extinção do corpo físico. Tais cuidados revelam uma consciência de passagem mediada por rituais.

Estes ritos de cuidado com os corpos dos mortos revelam-nos uma consciência de tempo-passagem através da crença do existir um migrar para outra vida. A passagem do tempo dos vivos para o tempo dos mortos.

Até hoje quando pensamos que teremos um fim, ou seja, quando temos um perceber consciente ou não sobre a morte, nós tentamos frear o tempo através do cuidado. O cuidado com o nosso corpo, o cuidado com quem amamos e com o próximo serve para atrasar essa passagem que nos conduz para o fim. Compreender que há um morrer, um fim, revela-nos a existência de tempo.

A consciência da morte é irmã muito próxima da ideia de tempo como passagem, *tempus fugit*.



CAPÍTULO II

AS FORMAS DE TEMPO – APONTAMENTO INCIPIENTE

O tempo só pode ser compreendido através de narrativas.⁵ Estas narrativas apresentam o tempo com variadas formas. Neste capítulo, como apontamento inicial, vamos observar alguns termos definidores de certas experiências temporais.

NARRATIVA: processo de relatar, contar, narrar experiências ou situações que podem ser reais ou fictícias, através de variadas linguagens.

A cronologia

Cronologia é uma palavra de origem grega que significa o *estudo do tempo*. Mas quando falamos em cronológico também estamos falando de uma forma de perceber e marcar o tempo. Instrumentos como o relógio e o calendário servem para marcar o tempo e reforçam a nossa percepção sobre ele.

Marcar através de datas e períodos as transformações ocorridas na história é a forma cronológica de representar o tempo. A forma cronológica é uma maneira de humanizar o tempo através da marcação. O tempo cronológico é o tempo marcado, por isso a cronologia está nos calendários, em linhas do tempo que mostram secessões progressivas com datas exatas de eventos ou períodos, por exemplo. Vejamos algumas outras formas de perceber o tempo.

Tempo Linear

O tempo linear talvez seja aquele com o qual mais estamos acostumados, pois no nosso dia a dia é a forma mais comum de observação. Vemos no calendário os dias sendo marcados por números em ordem crescente - dia 1, 2, 3, 4, 5 etc. Os meses, de janeiro até dezembro em linha, as festas de ano novo que marcam a soma crescente de mais um ano no calendário, de 2020 para 2021, por exemplo, e assim em uma sucessão crescente.

Tal concepção influenciou o mundo moderno europeu, a ponto de generalizar todas as outras sociedades, as não europeias, como estando em atraso no processo de desenvolvimento em linha, designando-as como sendo primitivas. O ponto de referência do avanço e do progresso seria a Europa moderna, enquanto as outras estariam caminhando linearmente

para alcançá-la, como se a história fosse um processo em linha crescente comum a toda humanidade, uma espécie de corrida em linha em direção ao futuro. E os países centrais na Europa, tais como Inglaterra, França e Alemanha estivessem à frente nesse processo.

É bom sublinhar que a concepção linear tem como berço as relações comerciais racionais no mundo moderno europeu. Aprofundaremos sobre essa questão quando falarmos da concepção de tempo na modernidade em um capítulo adiante.

O tempo cíclico

A forma cíclica de tempo também é conhecida como eterno retorno. O tempo não é marcado como se andasse sempre para frente seguindo uma seta como no tempo linear, mas é um tempo marcado por fases que fecham um círculo.

Usemos como exemplo a agricultura, a arte de produzir alimentos como hortaliças, grão e frutas. Quem trabalha com a terra sabe as melhores fases de plantar, cultivar, colher, descansar e voltar a plantar, cultivar, colher e descansar a terra. Esse processo é repetido circularmente. Há um começo, um meio e um fim que não se fecha como final, mas como fase que retorna ao início. Esse tempo é percebido como um círculo composto por fases.

Tal forma de identificar o tempo está ligada ao modo como algumas culturas humanas observam o movimento dos astros no céu em relação às melhores fases para plantar e cultivar os seus alimentos.

E, geralmente, junto com as fases de produção de alimentos e manutenção da vida há a crença em divindades responsáveis por manter esse ciclo. Assim, o rito religioso é uma importante prática para que esse ciclo, pela bondade dos deuses, mantenha-se ativo. O tempo cíclico, natureza e deuses possuem uma relação muito íntima.

Tempo da Física Moderna

Além da forma cíclica, temos a forma de representação do tempo segundo a física moderna. Você sabia que o universo que conhecemos surgiu aproximadamente há 14 bilhões de anos? Havia uma pequena matéria muito quente, concentrada no meio de um vácuo, e de repente, ela expande. Uma grande explosão - o Big Bang.

Esse fenômeno deu origem ao espaço e ao tempo. Há muitos anos os cientistas físicos tentam entender como funciona o movimento da matéria nesse espaço-tempo produzido a partir do Big Bang.

Essa forma de perceber o tempo é conhecida como tempo da física. Tal tempo já foi entendido como mo-

vimento, como absoluto, como relativo e é representado, até hoje, pela linguagem matemática. ⁶

Tempo psicológico

Existe outra forma de tempo tão grandiosa como o da física moderna, mas que mora no universo da alma: o tempo psicológico.

Você já percebeu que quando está com muita vontade de receber alguém que marcou um horário para lhe visitar, o tempo parece que demora passar? Já percebeu que quando estamos descontraídos em uma conversa agradável, nós não o percebemos passar?

Pois é, essa forma de identificar o tempo é chamada de tempo psicológico. *Psicológico* é uma palavra que nos leva a pensar como cada pessoa sente e pensa individualmente a sua relação com o mundo.

Cada um de nós sentimos e pensamos de uma maneira muito particular, ou seja, o modo como você sente e pensa tem características próprias. Pode ser que alguém tenha ideias ou sentimentos parecidos com o seus, mas pode acreditar que só você pensa e sente do jeito que você pensa e sente. Esse sentir, todo seu, é exclusivo. O modo como sentimos e percebemos

mos o tempo, de uma maneira só nossa, é chamado de tempo psicológico.

Há várias formas de tempo: cronológico, linear, cíclico, psicológico e outros. Vamos ver, nos próximos capítulos, outras concepções e experiências de tempo por ângulos variados.



CAPÍTULO III

TEMPO E HISTÓRIA

Tempo que aprendemos

Nós não nascemos sabendo. Nós somos incompletos comparados a outros animais. Alguns outros animais nascem com um manual dentro deles que os orientam sobre como comer, como se comunicar com os seus da mesma espécie, como caçar e repetir o comportamento dos seus pais, como se proteger diante de alguma ameaça e como se orientar no espaço onde vivem.

Já nós precisamos aprender a comer, comunicarmos-nos, construir instrumentos para nos protegermos, orientarmos-nos no espaço para não nos perdermos e aprender a organizar as nossas experiências no mundo. É quando organizamos as nossas experiências no mundo que aprendemos o que é o tempo. ⁷

As experiências do tempo

Vivemos nossas experiências temporais e instituímos fases para defini-las. Temos a experiência que vivemos e que deixou uma marca em nós enquanto pessoa ou enquanto sociedade, a ela damos o nome de Passado.

Temos experiência que estamos vivendo no agora, seja enquanto pessoa ou enquanto sociedade, a qual denominamos de Presente.

Já a experiência que ainda não vivemos, mas esperamos viver, seja enquanto pessoa ou enquanto sociedade definimos como Futuro.

As experiências são organizadas em fases (passado, presente e futuro) as quais são divisões da nossa concepção de tempo e são relativas a cada cultura, época e contexto.

Tempo histórico

Cada sociedade ou grupo humano tem uma maneira de organizar as experiências de tempo. O modo como cada sociedade organiza e vivencia essas experiências é chamado de tempo histórico.

O modo como cada sociedade reconhece-se e organiza a sua vida, levando em conta as suas experiên-

cias temporais, com o passado, presente e futuro é o que define o tempo histórico.⁸ Não existe somente um tempo histórico, existem tempos históricos.

O passado, o presente e o futuro são interpretados e vividos de maneira diferente em cada cultura. O tempo histórico pode ser diferente de um grupo para outro ou de uma sociedade para a outra.⁹

Há sociedades que organizam as suas experiências de maneira linear, em linha reta, apontando para o futuro, como uma seta que aponta do passado para o futuro, à procura de um alvo. Há outras sociedades que organizam as suas experiências de maneira circular, é a forma do tempo cíclico ou do eterno retorno.

E há algumas sociedades que não usam nem o tempo linear nem o tempo cíclico, mas um tempo para cada momento que a organização social pede a elas, seja para lembrar a sua origem, para a organização da vida diária ou para usar um verbo em sua fala, cada momento uma concepção de tempo, é o caso da etnia Zoró que veremos no capítulo VII. É o tempo do caminho que se faz no caminhar, ou melhor, a experiência temporal fechada em si em cada fase.

Mas antes veremos o tempo na escrita da história e depois veremos o tempo na experiência histórica

dos homens e mulheres em diferentes épocas, lugares e contextos.

Os tempos na Historiografia

A nossa trajetória sobre a Terra, com seus feitos, acontecimentos, organizações, mudanças e permanências que ocorrem ou ocorreram, é algo muito complexo para que venhamos a entender tudo de uma só vez. Nossa limitação humana nos faz abrigos pequenos para receber de imediato tudo o que produzimos ao longo da história.

Então entra o papel do historiador, que escreve sobre a história da humanidade procurando recortá-la e dividi-la em pedaços. O historiador é um cientista que investiga, racionaliza, observa, colhe variados resquícios deixados pela humanidade através do tempo, interpreta e então conclui escrevendo sobre as experiências humanas no tempo.

Mas os historiadores não são deuses, eles não estão em um tempo fora da existência e da cultura humana, pelo contrário, assim como os outros cientistas de variadas ciências, eles também fazem parte de um contexto e de uma época.

Como já dito, cada sociedade possui experiências temporais próprias e, conseqüentemente, o historiador é influenciado pela concepção temporal da cultu-

ra ou época em que ele está inserido. Sendo assim, a história, enquanto escrita científica produzida pelo historiador, revela temporalidades variadas em sua narrativa.

Houve e há diferentes modos de encarar e dividir o tempo na escrita da história. Vamos ver apenas alguns de vários existentes.

O recorte temporal pré-científico da história

A escrita da história religiosa parte da fé e depois usa a razão como instrumento de orientação para compreender as ações dos deuses e dos homens no tempo. Semelhante à história científica, a história religiosa também faz recortes temporais e periódicos, mas a sua base interpretativa do mundo é a certeza da fé, e não o questionamento e a razão.

Segundo um importante historiador chamado Jacques Le Goff, uma das primeiras periodizações da escrita da história foi realizada baseada no Livro de Daniel, aquele da bíblia. Ele teve uma visão e descreveu quatro animais cujo significado é a existência de quatro reinos sucessivos, que em conjunto daria o tempo do mundo completo.¹⁰

Essa periodização temporal, recortes fixos feitas por Daniel, influenciará teólogos e cronistas a partir do século XII, os quais escreverão sobre a constituição

dos reinos na história da humanidade desde a Babilônia até Roma.

Outra forte influência religiosa no mundo ocidental sobre transformar a história escrita em períodos é exercida por Santo Agostinho em seu livro *A Cidade de Deus*. Ele divide a história da humanidade em seis pedaços: o primeiro de Adão a Noé; o segundo de Noé a Abraão; o terceiro de Abraão a Davi; o quarto de Davi ao cativo de Babilônia; o quinto do cativo da Babilônia ao nascimento de Cristo; e o sexto, que deve durar até o fim dos tempos.

Percebe-se que tanto Daniel como Santo Agostinho tratam a história a partir de recortes, fases fixas dos feitos humanos através do tempo. Mas tanto um como o outro, e os futuros cronistas e teólogos, partem de uma percepção de fé em que Deus se mostra no tempo com um determinado propósito.

As realizações dos homens obedecem a um projeto divino. A história religiosa mostra uma temporalidade com razão de ser. É a história com sentido metafísico, a qual, a partir do século XVIII, toma um caráter menos religioso e mais filosófico nas chamadas filosofias da história.

O tempo na história científica

No século XIX nasce a história enquanto ciência que busca emancipar-se da metafísica, seja esta reli-

giosa ou filosófica. O historiador passa a preocupar-se com as relações de causa e efeito, observar os fatos, constatar suas relações e servir-se delas para a escrita da história.

As histórias míticas, teológicas e filosóficas que consideravam os eventos somente se estes tivessem um sentido dado por Deus, ou por alguma metafísica, perde espaço para as histórias que assumem o

METAFÍSICA: área da filosofia que estuda questões além da física, do mundo palpável, isto é, a essência, o ser, o espírito etc. Aqui utilizamos metafísica no sentido de haver alguma Razão espiritual que dê sentido aos eventos ocorridos na história.

evento. A história, enquanto uma disciplina, torna-se mais empírica e objetiva.¹¹ Não é Deus ou uma Razão espiritual que organiza as ações dos homens no tempo, mas os próprios homens no tempo é que fazem a história e essa, em sua escrita, deve ser considerada mais objetivamente possível. Mas e o tempo na ciência histórica, como ele se configura?

O tempo na Escola metódica

No sentido estrito da ciência histórica o termo Escola refere-se a uma corrente de pensamento. Uma organização ou um padrão, às vezes mínimo, mas perceptível nos trabalhos de um número significativo de pensadores e produtores de conhecimento.¹² Ao longo

do século XIX e XX a ciência histórica produziu diversas escolas. Vamos ver duas delas com perspectivas divergentes e entender como tratam o tempo no estudo e na escrita da história – historiografia.

A Escola metódica tem na lista entre seus principais fundadores Leopold von Ranke (1795 – 1886) e Barthold Georg Niebuhr (1776 – 1831) na Alemanha, o primeiro centro e difusor da escrita da história com base em uma busca pela objetividade. Na França, a historiografia metódica chega através do ensino nas universidades por historiadores que estudaram na Alemanha: Gabriel Monod (1844 – 1912), Charles Seignobos (1854 – 1942), Ernest Lavisse (1842 – 1922) e Charles-Victor Langlois (1863 – 1929) e outros. Mas quais os princípios desta escola metódica e qual temporalidade é observada em sua escrita?

Alguns princípios foram elaborados por Leopold von Ranke e que servem como base para nos aproximar de um entendimento;

1º o historiador não deve julgar o passado e usá-lo para instruir os contemporâneos, mas apenas dar conta do que passou;

2º o historiador deve ser neutro em sua pesquisa, não pode haver nenhuma interdependência entre o pesquisador e o objeto pesquisado, também deve es-

capar de qualquer tipo de condicionamento cultural, social, religioso ou filosófico que venha a interferir ou influenciar a sua pesquisa;

3° a história existe em si e mostra-se através dos documentos;

4° os fatos recolhidos dos documentos não devem sofrer nenhuma especulação teórica, pois estas são nocivas à pureza da história. Eles devem ser organizados em uma sequência cronológica na ordem de uma narrativa;

5° o historiador deve reunir os fatos dados pelos documentos e preservá-los em sua autenticidade e pureza;

6° a história pode atingir a sua objetividade científica se o historiador observar esses princípios.¹³

Tais princípios sugerem que o historiador deve manter-se passivo, isento e frio diante do seu objeto de pesquisa. Os fatos existem em si e devem apenas ser apanhados pelo historiador. Ele deve apenas narrar os fatos acontecidos assim como eles se passaram objetivamente e sem nenhuma interferência subjetiva.

Apenas o tempo passado deve ser a área do historiador. A escola metódica propunha o passado desvinculado do presente. É a história do passado pelo passado e que se configura em eventos políticos, di-

plomáticos, religiosos, únicos e irrepetíveis. Eventos estudados detalhadamente para que se saiba de forma exata como se passaram.

Já os historiadores franceses, inicialmente, adotaram em sua prática os mesmos princípios defendidos por Ranke, a busca por uma objetividade absoluta, mas com uma nuance temporal que é fruto da filosofia iluminista e do fato marcante que foi a Revolução Francesa. Buscavam evadir-se e distanciar-se do Antigo Regime e assumiram a filosofia do progresso. No século XIX, o tempo na escrita da história francesa carrega o cientificismo alemão, mas temperado com uma ideia de tempo em marcha, evolutivo, progressivo e em direção a uma sociedade igual, fraterna e livre. O historiador está preso ao passado em seu método, mas o seu espírito político vislumbra o futuro.

O tempo na “Escola” dos annales

No século XX, na França, surge uma nova produção intelectual no campo do estudo e da escrita da história – historiografia. É a chamada *La nouvelle histoire* (A nova história). Uma significativa parcela dessa nova história é associada à criação e à produção da revista *Annales*. Tal revista já possuiu quatro nomes ao longo de sua história: *Annales da história econômica e social* (1929-1939), *Annales da história social* (1939-1942,45) e *Annales: economia, sociedade, civilização* (1946-). Embora o

grupo que faz parte dessa nova história seja chamado de Escola, para destacar características comuns desta, essa definição possui controvérsias e não é aceita por historiadores que fazem parte de tal grupo, como por exemplo, Fernand Braudel e Marc Ferro.¹⁴ Mas qual o tempo que a Escola dos Annales nos traz? – Manterei a definição Escola por uma conveniente opção para a narrativa.

O marco da proposta e programa dos Annales é a sua oposição à história que apenas narra os fatos sem problematizá-los e sem interdisciplinaridade, como faz a Escola metódica na Alemanha e inicialmente, no século XIX, os historiadores na França. O diálogo com as ciências sociais, isto é, com a antropologia, sociologia, ciência política, economia, psicologia etc, é característica fundante dos Annales.

Apesar das divergências e descontinuidades das gerações dos historiadores que a compõem, todos estudam e escrevem a história em comunicação com as ciências sociais.

Entretanto, como elucidou o professor José Carlos Reis, tal diálogo não seria possível sem um novo olhar temporal.¹⁵ Os Annales trazem uma nova perspectiva temporal para a história que a diferencia da Escola alemã ou da dita história metódica francesa. O tempo histórico dos Annales é contrário e rejeita o

tempo preso ao passado da historiografia tradicional e se opõe ao tempo especulativo progressivo teleológico da escrita positiva da história. O

TELEOLÓGICO:

perspectiva filosófica que acredita que a história tem um sentido final, isto é, um propósito.

tempo para os Annales não é fixo e nem uma seta que aponta para o futuro, mas é uma dimensão relativa ao contexto histórico em que o historiador se encontra. É a partir das questões levantadas no presente que o historiador se volta para o passado.

A perspectiva de tempo dos Annales nasce do contato com as ciências sociais. Tal contato gera uma mudança profunda na maneira de compreender e representar o tempo na escrita da história, mas permanecem com princípio Herodotiano fundador da história: conhecer as mudanças humanas no tempo.

No início do século XX as ciências sociais opõem-se à representação do tempo na perspectiva que parece sobressair na historiografia tradicional, que é o tempo linear, acelerado e que se movimenta para um futuro com sentido, uma utopia. Considera negativa a leitura da sociedade e do indivíduo que parte de uma especulação filosófica sobre um sentido final na história. Então, as ciências sociais adotam uma abordagem estrutural do tempo.

O tempo estrutural das ciências sociais não se refere a mudanças, às sucessões ou à diferença entre passado e presente, mas às regularidades, simultaneidades e reversibilidades. Anulam as mudanças em uma simultaneidade estrutural.

Fundadora de um novo conhecimento, ela quisera substituir a História. Para as ciências sociais o estudo ou o conhecimento das mudanças dos homens no tempo era desnecessário, já que as sociedades se organizam em estruturas regulares e fixas.

Em consideração e em contato com as ciências sociais, os historiadores dos *Annales* mostram-se sensíveis e reconstróem a representação do tempo histórico, incluindo as categorias temporais de permanência e simultaneidade. Mas enraízam-se seguros no projeto histórico de descrever e analisar as mudanças através do tempo, negando assim uma estrutura fixa e imutável, considerando essa estrutura como uma “Longa Duração” temporal. O principal representante dos *Annales* dessa nova proposta temporal histórica é Fernand Braudel.

Annales: o tempo histórico em Fernand Braudel

O historiador chamado Fernand Braudel, para defender que o estudo e a escrita da história devem dialogar com as ciências sociais, mas é diferente destas,

ou seja, das outras escritas científicas, tais como a da sociologia e a antropologia, definiu que a escrita da história pode basear-se na complexidade de três tempos históricos não fixos, mas que dialogam entre si. Ele propôs que existem três tempos que, juntos e em diálogo, estruturam as relações históricas de uma sociedade e que o historiador deve levar em consideração ao narrar a história.

O primeiro tempo é chamado de *Tempo de Curta Duração*. Este é o tempo marcado por fatos pontuais, extraordinários, “medíocres e acidentes da vida ordinária”.¹⁶ A inauguração de um evento público como a copa do mundo de futebol no Brasil, o impeachment de um chefe de Estado, um momento de fama explosiva de alguém na internet, uma revolta social em algum país por questões econômicas ou políticas etc. É o tempo dos acontecimentos que marcam uma data especial, mas é breve, curto, e que pode durar alguns anos.

O segundo tempo é chamado de *Tempo de Média Duração*. Este tempo é o tempo também chamado de conjuntural. É o tempo de um regime político adotado por um governo, como o caso da ditadura no Brasil de 1964 a 1985. A cultura que marcou a moda e a música dos anos 80 aos anos 90 etc. É um tempo que pode durar gerações, é uma duração mais extensa que pode ser configurada em décadas.

O terceiro é chamado de *Tempo de Longa Duração*, também chamado de estrutural. Este é o tempo das organizações construídas pelos homens e mulheres e que dura séculos e séculos. Como exemplo podemos citar a religião Cristã com mais de vinte séculos de duração. O sistema econômico e político capitalista com mais de sete séculos de duração, a escravidão no Brasil que perdurou por mais de três séculos etc. É o tempo que pode durar séculos ou até milênios.

Essas formas de perceber a história em durações temporais cambiáveis vão sendo transformadas até os dias atuais. Depois de Braudel os *Annales* ampliaram as suas fronteiras incluindo estudos sobre as representações de diversas culturas, estudos sobre o corpo, a mentalidade, a memória, a cultura material, os marginalizados, a história das mulheres etc.

Os recortes na história são maneiras, caminhos, métodos de pesquisá-la para depois registrá-la nos textos e em livros com o objetivo de produzir conhecimento sobre os feitos da humanidade através dos tempos. Esses feitos podem ser estudados a partir de perspectivas temporais variadas, seja em um recorte temporal com longa, média, curta duração ou em diálogo entre as três temporalidades, mas nunca negando a identidade da ciência histórica, isto é, os feitos humanos através do tempo.



CAPÍTULO IV

ALGUMAS CONCEPÇÕES DE TEMPO NO MUNDO CLÁSSICO

O Lego de pedras como marcador de tempo

Há pelo menos 5100 anos, alguns homens e mulheres da nossa espécie construíram um Lego feito de pedras. Eles transportaram blocos de pedras pesadíssimos por quilômetros. Alguns blocos tinham 50 mil quilos, outros, pelo menos, uns cinco mil quilos. Eram grandes blocos esculpidos que viajavam por até 400 quilômetros entre mares e rios em canoas rústicas. Já em terra, essas pedras eram arrastadas sobre troncos e depois montadas em posição estratégica para marcar o tempo. O nome do Lego é Stonehenge. Ele está ainda hoje em uma região a 137 quilômetros da atual Londres, cidade que é a capital da Inglaterra.

Diante de controvérsias e questionamentos sobre a função e a que povo pertencia,¹⁷ a interpretação mais

aceita é que o Stonehenge servia como um calendário, como aponta o arqueólogo clássico William Stukeley e o professor no campo da arqueoastronomia Gerald Stanley Hawkins.¹⁸ O Stonehenge marcava, para esses povos, os Celtas, o início de um novo ano. E eles faziam festas e ritos para comemorar. Todo mês de dezembro, no dia 21 do nosso calendário atual, ainda hoje, o sol é visto alinhado entre as pedras. É o chamado solstício de inverno, o dia mais curto do ano e que marca o início do inverno naquela região.

O tempo para os Celtas era representado por uma grande roda, era um tempo cíclico marcado pelas estações do ano que influenciavam as plantações e colheita dos seus alimentos. Os Druidas, sacerdotes Celtas, eram encarregados de organizar as festividades em homenagem aos deuses que simbolizavam a natureza e conseqüentemente a concepção que eles tinham de tempo.

Dois nomes de deuses relacionados à natureza podem ser destacados, mas convido você, depois, a pesquisar e assim aprofundar o seu conhecimento no que diz respeito às divindades e ao tempo no mundo Celta. O primeiro deus era Sucellus, este era símbolo da fertilidade, carregava um grande martelo e que de tempos em tempos golpeava a terra despertando as plantas e dando início à primavera, o período de plantar. O segundo, ou melhor, a segunda, é Epona. Ela é

a deusa que simboliza a fertilidade, a força da Terra e toda vida que brota e se transforma na natureza. Entre os Celtas a concepção de tempo é cíclica e se ancora nas representações divinas.



Stonehenge, possivelmente o monumento era usado para demarcar o tempo, para saber quais eram as melhores épocas para colheita e sementeira. Mapa do historiador e cartógrafo John Speed (1552–1629).

O tempo no Antigo Egito

A sociedade do antigo Egito teve seu início há pelo menos 5 mil anos, à beira do rio Nilo. Concebiam e marcavam o tempo de várias maneiras, mas vamos ver duas que se destacam.

A primeira era relacionada à concepção de que o mundo era uma ordem eterna e organizada pelos

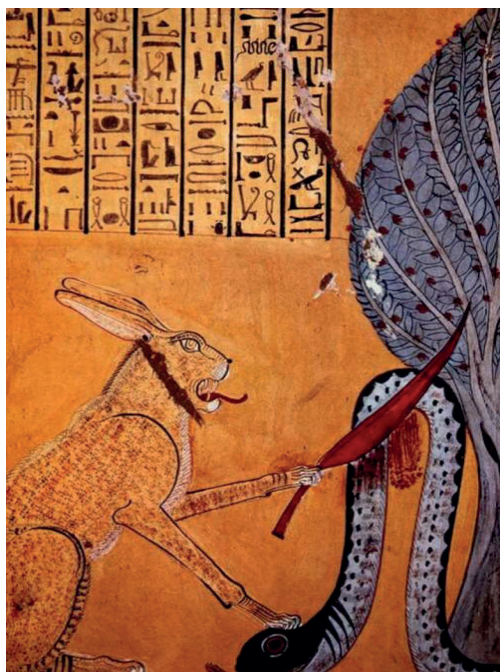
deuses. Essa ordem era composta por fases que formavam um ciclo do tempo. Cada faraó que subia ao trono marcava o início desse ciclo, com a sua morte fechava-se o ciclo que era reiniciado logo depois com a subida do seu sucessor ao trono.¹⁹



Alívio de Apep. Apep (Apophis) preso na Tumba de Ramsés V, Vale dos Reis, Oeste de Tebas. Na mitologia egípcia, Apep era um demônio serpente que representava as forças do caos, morte e desordem. Como tal, ele era o inimigo mortal da ordem, personificado como a deusa Ma'at, e da luz, encarnada na forma de Ra. Fonte: museu do Egito

A ideia de passado como retrospectiva e regresso, como uma estrada que vemos ao olharmos para trás, não fazia muito sentido para eles. O passado era marcado por uma fase, e que depois se zerava com a morte do faraó; era apenas uma marcação na memória e nas tumbas, usado es-

poradicamente em algum relato. Eles marcavam esse passado como fases já fechadas. Se fosse preciso falar de um passado, eles se referiam assim: No tempo de Tutmés III, no tempo Tutancâmon, no tempo de Ramsés II, e assim recordavam ciclos já finalizados.



Rá na forma de um gato. Sob um sicômoro sagrado, o deus do sol Rá, na forma de um gato, mata a cobra Apep (ou Apófis), deus do submundo e símbolo das forças do caos e do mal. Detalhe de uma pintura de parede do túmulo de Inherkhau. Novo Reino, 20ª Dinastia, ca. 1189-1077 aC. Deir el-Medina, West Thebes.

Fonte: museu do Egito.

Percebiam o dia e a noite como uma ordem circular organizada em 12 horas, tanto para a noite como o dia. O dia representava a vitória do deus sol Rá sobre o deus das trevas Apófis, considerado uma ameaça à ordem. Mas Rá, depois da batalha no submundo, nas 12 horas noturnas, retornava vitorioso mantendo a ordem solar.

A segunda maneira era a percepção de tempo relacionada ao rio Nilo com as suas fases de cheia e de seca. A primeira fase era a da inundação, durante a qual nada se plantava e, logo depois, a segunda fase era a do retorno do rio ao seu nível normal que deixava o solo úmido e fértil, pronto para plantar e depois colher. Cada ciclo do rio marcava uma estação que durava quatro meses de trinta dias cada. A soma das três estações marcavam 360 dias. Os cinco dias que restavam, no ano egípcio de 365 dias, eram cinco dias de festas e rituais para os seus deuses.²⁰

O tempo na Babilônia

Os babilônicos estabeleceram-se à beira do rio Eufrates há pelo menos 4.300 anos. No início como uma pequena cidade na região da Mesopotâmia, que logo depois se tornaria um império. A região mesopotâmica já era habitada por pequenos povoados há aproximadamente 6.000 anos. Por volta do ano 1.800 a.C, a Babilônia torna-se um império com o rei chamado Hamurabi. Os babilônios tiveram grande importância na elabora-

ção da contagem do tempo e na criação de calendários que influenciam diferentes povos até os dias atuais.

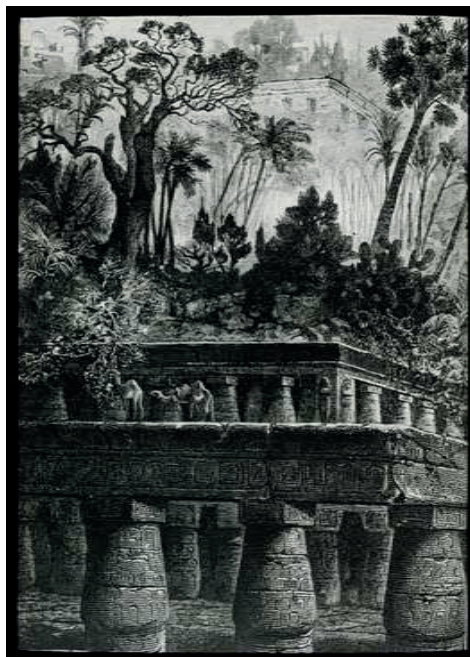


Ilustração mostrando os Jardins Suspensos da Babilônia.
Foulquier, Jean Antoine Valentin, 1822-1896.

Os povos da mesopotâmia, antes de serem unificados pelo rei Hamurabi não encaravam o tempo como cíclico e nem como linear. Não enxergavam uma regularidade absoluta na natureza devido ao comportamento inconstante do ambiente em que viviam. Tempestades, inundações, secas e calamidades eram sempre prováveis. Ainda que os astros no céu indicassem

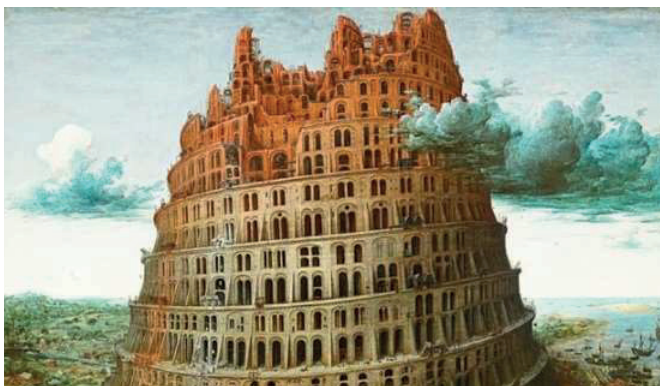
certa regularidade, bem como o ciclo das estações da natureza, semelhante ao nosso inverno, verão, outono e primavera, a insegurança era constante devido à crença de que estavam submetidos às vontades dos deuses com poderes sempre em conflito.

As cerimônias religiosas feitas pelos sacerdotes eram uma maneira de agradar aos deuses para que a ordem vencesse o caos, mas a insegurança fazia com que observassem regularmente e detalhadamente os astros, buscando observar algum presságio para que não fossem pegos de surpresa em sua vida cotidiana.

Essas observações constantes feitas pelos sacerdotes os levaram, provavelmente, a serem os primeiros estudiosos em astronomia e produtores de um calendário, o qual dividia o ano em 12 meses, com cada mês contado a partir das quatro fases da lua. Um mês lunar tinha, por vezes, 29 dias e, por vezes, 30 dias. Para resolver esse problema da irregularidade dos dias os astrônomos babilônicos começaram a estudar o movimento do sol e dos planetas com muito detalhe e cuidado.²¹

Descobriu-se que o ano lunar era menor que um ano solar. Para resolver esse problema, para que as estações do ano não ficassem defasadas em relação aos meses, acrescentaram um décimo terceiro mês que era inserido uma vez ou outra no calendário, que passou a ter base lunar e solar - lunissolar. Mesmo assim

não havia uma regularidade. Só depois do século V a.C é que sete meses foram inseridos espalhados em um ciclo de 19 anos regularmente. Antes disso, é provável que eles inserissem um mês de acordo com o tempo necessário e exigido para a colheita



Pintura da Torre de Babel por Pieter Bruegel, o Velho (1526/1530).

A concepção babilônica de tempo, através da matemática, trouxe-nos uma contagem organizada com um dia de 24 horas, cada hora com 60 minutos e cada minuto com 60 segundos. A semana era composta por sete dias, a qual, depois, influenciou a contagem de tempo dos Hebreus e consequentemente o calendário cristão que é usado em várias partes do mundo até hoje.

A concepção Grega de tempo

Os gregos originaram-se a partir da relação de diferentes sociedades que se estabeleceram entre o mar Jônico e o mar Egeu, em penínsulas e ilhas há aproximadamente 4.000 anos. Variados povos com suas culturas, como os Jônios, os Aqueus, os Eólios e os Dórios, cada um chegando e estabelecendo-se em um período distinto constituíram o que conhecemos como Grécia antiga.

O pensamento grego sobre o tempo era fragmentado e possuía três possíveis divisões, que eram maneiras de percebê-lo e que servia para organizar as suas práticas diárias. O primeiro tempo era relacionado às festividades religiosas embasadas em seus mitos. O segundo tempo estava relacionado às atividades diárias, como a política, o comércio e as medidas. O terceiro estava relacionado à agricultura que reafirmava o tempo cíclico do cosmos, isto é, o eterno retorno.

Os gregos desenvolveram raciocínios variados sobre o tempo a partir dos mitos e depois através dos filósofos. Podemos resumir tal percepção mitológica e filosófica a partir de três termos.

O tempo Aion (Αἰών)

O tempo Aion passa por fases e por diferentes significados ao longo da história grega. O primeiro

significado é expresso pelo poeta Homero em suas poesias transcritas em *Ilíada* e em a *Odisséia*, o qual diz que o tempo está onde há fluido vital, onde a vida mostra-se fluindo.

*O doce Aion que flui e
que está na lágrima,
no suor, no líquido
espinhal, na força
do respirar e que
desaparece com a
respiração da alma
quando alguém morre,
quando o sopro da vida
alça voo depois de um
tempo.*²²

O significado do Aion é a força temporal da vida, da existência. Já o segundo significado é dado por autores de teatro trágico como Píndaro e reflete a ideia de destino, o tempo destino. É quando vida humana sofre uma interferência dos deuses e há um destino traçado, do qual não é possível fugir. O terceiro significado seria o Aion representado como um círculo. Um tempo que é eterno, que persegue a si mesmo. A forma do tempo cíclico, mas localizado e representado no ambiente humano, na natureza com as suas fases.

Por fim, o quarto e último significado aparece a partir do filósofo Platão, para quem o Aion é um tempo fora do tempo humano, o tempo divino, o tempo junto ao Demiurgo que é o artesão e organizador do universo.

O tempo Cronos (Χρόνος)

Se o tempo Aion, por último, dentre vários significados, estava relacionado predominantemente ao tempo divino, o tempo Cronos estava relacionado, em um primeiro momento, ao tempo da produção humana, a qual poderia ser medida e calculada. O Cronos estava no movimento e na aceleração dos corpos e objetos no mundo físico. Era também um termo empregado pelo poeta Homero para indicar um intervalo, uma medida, uma marca.²³

Já na poesia mitológica de Hesíodo, Cronos era uma divindade ancestral que sabia que no futuro seria destronado do seu reino por um de seus filhos. Então, procurando evitar que tal profecia fosse cumprida, engoliu os seus filhos.

Na representação mitológica dos Órficos, grupo religioso grego, Cronos era simbolizado por uma serpente que, semelhante a um anel, fechava-se em círculo sem enroscar o início no fim. Representava tempo transposto ao ciclo da vida dos homens que

desvaneciam. Os homens e mulheres que nasciam, cresciam e morriam sem que conseguissem juntar o começo ao fim.

Os dois significados, de Hesíodo e Óficio, foram unidos ao longo da história e aparece em uma frase do filósofo romano Cícero, no século I a.C: “*O deus que engole os seus próprios filhos é o Tempo, o Tempo insaciável de anos, que consome todos que nele se escoam.*”²⁴

Podemos apontar que a concepção inicial de Cronos, como tempo da produção humana que pode ser medida e calculada, da aceleração dos corpos e objetos que desvanecem no mundo, permanece até os dias atuais, mas reconfigurada com caráter moderno linear.

O tempo Kairós (Καιρό)

O significado do tempo Kairós tem a sua origem no livro *Ilíada* atribuído ao poeta Homero e trouxe um significado simbólico relacionado ao espaço. Homero designou a palavra Kairós descrevendo o espaço furo entre as dobradiças e encaixes das armaduras dos guerreiros. Era a descrição de um pequeno ponto de vulnerabilidade, ponto que se tornava mortal. O ponto em que aplicado o golpe do oponente, era um ponto fatal.

Já relacionado ao tempo e não mais ao espaço, o Kairós significava, não muito distante do significado do espaço, um *tempo certo*, um *tempo oportuno*.²⁵ Não era um tempo físico nem um tempo da alma, mas um tempo entre os dois tempos. Era decisão, o cindir, o cortar entre a alma e o físico. O tempo único e específico que não volta a se repetir. O Kairós, o tempo de um pássaro pousado no dedo e prestes a voar. Podemos dizer que é aquele momento exato, não calculado, que te faz ter amizades inapagáveis. É o Kairós, momento único e singular que, às vezes, manifesta-se na vida.



Giulia Lama. Saturno (Cronos) devorando seu filho
– Ano da obra: 1735.



GOYA, Francisco de. Saturno devorando um filho, 1819-1823. *Saturno (Chronos) devorando um filho.*

Obra de Francesco Salviati. Kairod und Ignudo, 1552 – 1554. O Kairós é o tempo oportuno, aquele que deve ser agarrado pelos cabelos. Representado nesse afresco de Salviati como um efebo divino com cabelos longos.





CAPÍTULO V

A CONCEPÇÃO DE TEMPO NA IDADE MÉDIA

O período histórico chamado Idade Média é entendido não mais como idade das trevas, mas como um período muito rico em seu conjunto de variados ambientes, comportamentos e modos de viver. Alguns historiadores recortam o período colocando uma data que estabelece a Idade Média entre o século V e o XV depois de Cristo. Já outros, como o historiador Jacques Le Goff, diz que a Idade Média situa-se entre o século II e III, no período final do império Romano, e aos poucos é engolida pelo advento da Revolução Industrial no século XVIII.

Os homens e as mulheres medievais não davam a importância que os homens e mulheres na modernidade dão ao relógio e ao tempo, olhando a quase todo momento para ver se estão atrasados.²⁶ Não significa a ausência de uma organização ou várias organi-

zações da vida cotidiana tendo o tempo como uma referência, mas não havia uma preocupação constante ou uma noção muito exata de tempo. Pessoas entrevistadas ou questionadas pela Igreja, com a pergunta sobre a idade, dizia que tinha 50 anos, na semana seguinte a mesma pessoa dizia que tinha 60 anos. A marcação temporal era pouco precisa no mundo medieval.²⁷

Podemos afirmar que esse mundo era rico de expressões culturais e não havia só a concepção de tempo estabelecido pela Igreja Romana Cristã. Mas o importante aqui é ter contato com algumas, dentre as várias concepções de tempo desse período e entender que tais concepções não são isoladas umas das outras, mas interagem e possuem nexos. Vamos dividir algumas concepções para compreendê-las com mais clareza.

O tempo do Sagrado – Teológico

A Igreja medieval tinha a percepção que o tempo pertencia a Deus. O tempo era uma experiência de ligação com a eternidade, diferente do pensamento grego de Platão para quem o tempo da divindade era separado do tempo do mundo. A eternidade, na concepção da Igreja, era uma dilatação do tempo percebido no mundo. Tal concepção temporal era adotada

tendo como fonte a tradição oriunda do cristianismo primitivo e dos textos bíblicos.²⁸

O tempo para os exegetas bíblicos medievais fazia parte do projeto do Criador, assim como relatado na bíblia, no Velho

EXEGETA: pessoa que se dedica a análise e interpretação detalhada de um texto.

Testamento e depois no Novo Testamento. O relato teológico e teleológico que misturava a eternidade no tempo histórico nascia a partir da narrativa de que Deus criou o homem e a mulher e tudo que existe na natureza. Mas o homem e a mulher desobedeceram à ordem do Criador e foram castigados com sofrimento e distanciamento do paraíso. Então precisavam ser salvos da perdição que na Idade Média incluía a ideia de um local com fogo e sofrimento chamado inferno.

Tal narrativa, poderosa em causar culpa e temor nos homens e mulheres medievais, trazia em seu início a ideia de uma temporalidade perdida que precisava ser resgatada, o tempo do criador em união com sua criatura. O tempo eterno e histórico.

UNIÃO HIPOSTÁTICA: é um termo usado em teologia para se referir à forma como o divino e o humano estão unidos em Jesus Cristo.

Problema que será resolvido por Santo Agostinho²⁹ e depois consolidado no concílio de Calcedônia, século V, com a ideia de união hipostática de Cristo, em

que a natureza divina e humana, as temporalidades, fizeram-se uma só. O tempo eterno e histórico fez-se um na encarnação de Cristo e aponta para um futuro na parusia – segunda vinda. “A partir de então, desde a Criação, toda história do passado, relatada no Antigo testamento, faz parte da história da salvação.”³⁰

Com base nessa crença, o tempo na história, em algumas sociedades, é marcado por um calendário que designa acontecimentos ocorridos antes de Cristo (a.C), durante Cristo na História (a.D) e depois de Cristo na história (d.C), e o final desta com a sua volta. A concepção teológica de tempo, o tempo sagrado medieval, é que a eternidade e o tempo histórico têm uma relação inseparável e um propósito, isto é, um telos.

Tempo litúrgico

O tempo litúrgico era associado à rememoração e à expressão da fé que deveria manter-se viva no comportamento do cristão. Tal tempo possuía uma ordem circular expressada nos ritos: rito do Advento; preparação para a vinda de Cristo, rito do Natal; nascimento de Cristo, rito da Quaresma; preparação para a Páscoa, rito da semana Santa; tinha início em um domingo chamado Domingo de Ramos, no qual se lembrava da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém e terminava com a ressurreição de Jesus no rito da Páscoa, e depois o rito do domingo de Pentecostes; rito que celebrava a

descida do Espírito Santo sobre os apóstolos cinquenta dias depois da Páscoa etc. O tempo litúrgico revelava a concepção de tempo marcada pela tradição do rememorar, do trazer à memória para vivificar a fé e a crença cristã medieval.



As bruxas – Ano 1510. Hans Baldung (chamado Hans Baldung Grien). Associação da religião pagã e bruxaria no imaginário medieval europeu. O rito religioso pagão, tempo cíclico da natureza, associado à bruxaria.

O tempo através dos sinos

No século XII depois de Cristo o tempo era marcado e dividido pelo toque dos sinos instituídos. As horas eram marcadas e consultadas no relógio d'água (Clepsidra), um instrumento já utilizado pelos antigos egípcios, pelos gregos e pelos romanos. Mas esse instrumento não tinha uma boa relação com os dias muito frios na Europa, então, devido a esse problema, os monges inventaram um instrumento medidor à base de areia muito fina, a ampulheta. Também eram usadas velas marcadas para fazer a medição das horas.

A marcação através do soar dos sinos carregava significados: havia o soar do amanhecer, o soar das seis horas da manhã, o soar das nove horas, o soar das doze horas, o soar das quinze horas, o soar do pôr do sol, o soar do repouso e o soar da meia-noite. Cada período cadenciava as ações e comportamentos, seja dos trabalhos ou das orações, na vida diária do camponês.

Você já parou para pensar que quem controla a cadência do tempo, controla o comportamento de quem é orientado por ele? Pois é, o soar do sino controlava o comportamento do acordar, trabalhar e dormir. Quem ou o que controla o nosso tempo hoje? Deixo essa interrogação para que você, caro leitor, reflita.

O tempo “pagão”

A palavra pagão tem origem na língua latina e significa camponês, pessoa rústica ligada às atividades com a terra. Tal palavra assume uma conotação negativa, construída pela perspectiva cristã, ao longo da Idade média. Com o crescimento da Igreja cristã romana, associada à crença de que o demônio influencia os homens e as mulheres, principalmente as mulheres que são consideradas seres vulneráveis ao mal, inferiores, e representam o canal de transmissão do pecado original sobre os homens, o paganismo vira sinônimo de religião demoníaca com práticas amaldiçoadas. E nessa equação, mulheres que têm conhecimento medicinal sobre as ervas e outras crenças ganham o título de bruxas.³¹

No início de sua formação, a Igreja Cristã romana acolhia alguns elementos e incorporava a cultura religiosa popular (pagã) visando a conversão dos participantes desta. Já após o século V, tais culturas eram tratadas com desconfiança por teólogos como Santo Agostinho e, aproximadamente após o século XII, práticas religiosas populares passavam a ser perseguidas como obra do diabo que espalhava o seu mal na terra conduzindo as almas ao inferno.

Em sua origem, desde a antiguidade, os povos ligados às atividades agrícolas traziam como referencial

religioso o culto a vários deuses relacionados às variações climáticas da natureza; tais como os períodos de climas frios e quentes, os períodos do plantio e da colheita e o cuidar da terra que era tratada como grande Mãe ou representada como deusa da fertilidade por possibilitar a vida generosamente. Tal fenômeno religioso e a concepção de tempo andavam de mãos dadas e estendeu-se até a modernidade.³²



Calendário mensal de tarefas agrícola de um manuscrito de Pietro Crescenzi, escrito c. 1306. Arquivo do Musée Condé, França.

Os “pagãos” faziam suas festas e ritos obedecendo ao tempo cíclico da natureza e à comunhão com os espíritos e deuses desta. Tais crenças, vindas da tradição

religiosa Greco-romana, como o culto à deusa Diana, e dos povos de origem germânica, como os Lombardos, com os seus cultos às divindades de Vanes ou Vanir, da mitologia nórdica, eram contrários ao ensino da Igreja e por isso, para fugir da perseguição, permaneciam secretamente na cultura popular, assim resistiam às crenças e à concepção de tempo organizado pela Igreja.

Principalmente as mulheres foram as mais perseguidas, estigmatizadas como bruxas e queimadas nas fogueiras. Isso também foi uma maneira de esgotar qualquer autonomia e poder que elas puderam expressar em seus conhecimentos ancestrais religiosos e, conseqüentemente, eliminar experiências temporais divergentes das estabelecidas pelo cristianismo.

Houve e há outras formas de representar o tempo que extrapolam a cultura eurocêntrica, a qual se desenvolve na chamada Idade Média e que vai para além dela. Mas sobre essas, como algumas temporalidades dos povos indígenas na América e dos povos de origem africana, serão abordadas no capítulo VII.

O nascimento do relógio mecânico

O relógio mecânico foi inventado pelos Chineses a partir do século VIII depois de Cristo, mas há controvérsias sobre a sua origem, pois alguns pesquisadores

acreditam que ele foi inventado pelos monges para regular a disciplina e a pontualidade no serviço sagrado, costume tão importante entre eles.

O que se sabe com certeza é que, na Europa medieval, ele aparece no século XIII e depois se torna um instrumento medidor fundamental para a classe dos comerciantes ricos, isto é, os mercadores dos burgos, os burgueses. A princípio tais relógios marcam somente as horas e com muita imprecisão devido ao fato de não ter ponteiros de minutos. Só nos meados do século XIV é que surgem os relógios com tais ponteiros e com imagem da cosmologia medieval mostrando a terra no centro e as fases do sol movimentando-se ao redor.

Esses relógios começam a ocupar as catedrais, como o relógio astronômico que existe ainda hoje na catedral de Praga, a capital da República Tcheca, onde se pode ver o sol girar ao redor da terra em seus ponteiros.

O tempo do mercador

Os homens e mulheres que trabalhavam no campo, o camponês e a camponesa, tinham como referência o tempo meteorológico devido à importância dos ciclos das estações para o trato com a terra e para a produção dos alimentos.

As intempéries da natureza que os acometiam eram encaradas a partir de superstições, fenômenos que estimulava a prece cristã, buscando aplacar o mal. O homem e a mulher do campo eram submetidos ao tempo da ordem da natureza e ao tempo de Deus ensinado pela Igreja. Confiavam no tempo da terra, mas sem tirar os ouvidos do soar dos sinos.

Com o surgimento de uma rede de relações de compra e venda, a partir do século XI, período em que os mercadores, os chamados homens de negócio, que compravam e vendiam bens e mercadorias, começaram a ter presença forte na sociedade medieval, a concepção do tempo sofreu alterações. O tempo, que antes não era tão exato para o homem medieval, começou a tomar formas de medição, de matematização e especificação para obter lucro.

O tempo do mercador, o tempo exato e medido, tornava-se importante. Era preciso solucionar problemas como a medição do tempo de serviço para feitura de um artesanato a ser trocado por moedas: quantas moedas valia esse trabalho?! E o tempo da viagem e os gastos no transporte?! Como esse tempo era embutido no preço da mercadoria transportada?! E o tempo da demora de um empréstimo de moedas, isto é, a usura?! Qual o preço a ser cobrado?! Na alteração das relações comerciais a exata medida do tempo assumia uma importância cada vez maior para os negócios.

Associado à rede de comércio que crescia em meados do século XIV, iniciavam-se as construções de torres com sino, não marcando as horas litúrgicas da igreja, mas as horas do comércio. Eram as torres laicas, ou seja, torres que marcavam as horas das relações comerciais e do trabalho dos operários têxteis. O tempo da igreja ritmado pelo ofício religioso perdia a majestade, cedia o lugar para o tempo exato da técnica e da produção comercial. Nascia então o tempo moderno.



CAPÍTULO VI

A CONCEPÇÃO DE TEMPO NO MUNDO MODERNO

O chamado Mundo Moderno é um período que nasce a partir de intensas transformações econômicas e culturais na Europa ocidental no complexo processo entre o século XIV, com o Renascimento, e o XV, com as Grandes Navegações.

De modo geral podemos dizer que o Mundo Moderno é resultante de algumas mudanças profundas no modo de pensar e viver a realidade. Abaixo elencamos, em caráter introdutório, algumas que consideramos mais importantes para nos aproximarmos da concepção de tempo que é característico da modernidade.

A mudança cosmológica: o modo de compreender o universo. Se antes, no mundo medieval, a Terra era o centro do universo, agora, no Moderno, o sol é o centro onde os astros orbitam em um universo cujo centro não existe mais. *A ampliação geográfica:* se os ma-

pas retratavam apenas a Europa, Ásia e África, agora, no Moderno, encontrou-se um “Novo Mundo”. A mudança começou a partir do encontro com novas culturas, antes desconhecidas pelos Europeus, mas agora, no Moderno, conhecidas no encontro com os povos do continente americano que Colombo, por engano, chamou de índios.

As Reformas Religiosas a partir de Lutero e Calvino: se o conhecimento, a fé e o poder político eram submissos ao poder clerical da Igreja Católica romana, agora, na modernidade, o conhecimento e a fé não necessitam de censor institucional em nome de Deus, tornam-se uma experiência individual. A política passou a tomar caráter instrumental racional utilizada pelos governantes para gerir o poder.³³

O Estado Moderno: com o desenvolvimento da burguesia e a crise do sistema Feudal surgiu um novo modelo de organização social a partir do século XV. Se no feudalismo o poder de governo e a organização territorial eram fragmentados, já no Estado Moderno o governo centraliza-se na figura do rei e o território passa a ser unificado. O que sustenta tal unificação é a criação de um sistema de leis únicas, um poder militar nacional e a sistematização da cobrança de impostos.

O Iluminismo: se na Idade Média a razão era submetida à fé, já não é mais no movimento cultural e filosófico das luzes que se instala na modernidade. O uso razão em detrimento da fé passa a explicar o mundo e projetar um novo modelo de governo e sociedade.



Esta litografia mostra a rua comercial movimentada contendo o ponto final do Mercado de Nova Jersey na Filadélfia, assim chamado por sua localização central em relação às balsas de Nova Jersey, o principal fornecedor de produtos agrícolas da cidade. Os compradores do mercado, fornecedores de mercadorias e pedestres, incluindo afro-americanos, passeiam pelas ruas e calçadas e lotam o galpão do mercado, coberto por uma cúpula e um relógio. Ambulantes vendem suas mercadorias em carroças na rua Front. Construído em 1822, o mercado operava duas vezes por semana até a abolição dos mercados de rua em 1859. Um sino na rua Front tocava para indicar a chegada de um barco com produtos frescos. A ilustração é de autoria de John Caspar Wild (entre 1804 e 1846, aproximadamente), um artista e litógrafo nascido na Suíça, que chegou à Filadélfia, vindo de Paris, em 1832. Ele produziu pinturas e gravuras da Filadélfia e de outras cidades americanas, incluindo Cincinnati, Saint Louis e Davenport, Iowa. Seu trabalho é um importante registro histórico dessas cidades antes da era da industrialização em grande escala e do rápido crescimento urbano.

A *Revolução Industrial*: com o uso de novas tecnologias movimentadas por fontes energéticas como o carvão, depois o petróleo e a eletricidade. E com a criação das fábricas para produção de mercadorias em larga escala, houve mudanças nas relações de trabalho e na vida social na Europa do século XVIII e XIX. Se na Idade Média as relações sociais e o modo de produção eram centrados no mundo rural, agora, no Moderno, o centro passou a ser as cidades organizadas ao redor das fábricas.³⁴

A partir de várias mudanças ocorridas, elencadas acima, na Europa ocidental, e que se espalharam pelo mundo, o tempo toma uma nova face. Nasce uma concepção inédita de tempo, o moderno.

O ineditismo temporal da modernidade

A concepção temporal de passado como experiência que ensinava o viver e o agir no presente, tendo a história como uma professora da vida a ensinar os homens a não cometer os mesmos erros do passado, e a concepção de futuro como um horizonte pré-definido por Deus que se encerrava em um Juízo Final, serão transformadas no decorrer da modernidade.

A partir das transformações ocorridas na Europa ocidental, seja na economia com a revolução industrial, seja na cultura das ideias com o iluminismo, fez florescer uma temporalidade até então inédita.

No mundo moderno, principalmente entre o século XVIII e XIX, a concepção de passado perde o seu trono como elemento de ensino para a vida no presente. O presente, já não vigiado pela moral da Igreja Medieval e não determinado por Deus, torna-se uma experiência inédita, aberta, em que as pessoas são protagonistas na sua construção. O passado torna-se nesse momento apenas uma referência distante, um coadjuvante que ajuda a pensar o presente que está aberto ao progresso – ao futuro.

O futuro que antes era fechado e pré-determinado pelos desígnios divinos sob o manto da ideia de Juízo Final, passou a ser possibilidade, não determinado, mas passível de prognósticos realizados pela razão.³⁵

O tempo é dinheiro

Outra face do tempo instituído na modernidade é a do tempo é dinheiro – *Time is Money*. O tempo que serve ao lucro, à produção de bens e ao progresso. Se antes os homens e as mulheres usavam a marcação do tempo para lhes servir na sua relação com a terra ou com a Igreja Católica, agora, após o desenvolvimento das relações capitalista e do protestantismo, passaram a servir ao tempo como dádiva que não pode ser desperdiçado.

Tal lógica temporal nascia de uma mistura entre a crença religiosa protestante e a prática produtiva comercial a partir do século XVI. A crença de que o trabalho, o cumprimento do dever, a disciplina e a austeridade eram orientações divinas as quais deviam ser obedecidas, conseqüentemente fazia nascer o tempo como dádiva divina e a sua perda em ociosidade e extravagâncias como pecado.



Ilustração de John Tenniel para a obra 'Alice no país das maravilhas', ano de 1865. O coelho está sempre atrasado e aflito. Representação de um aspecto da temporalidade moderna.

Essa crença e prática (ética) foram forjadas pela burguesia predominantemente puritana que associava o sucesso econômico à graça divina. A predestinação da salvação, ensinada por Calvino, era visível no acúmulo das riquezas para glória de Deus. Então, tempo é trabalho; e o entesouramento das riquezas sinal de sua graça salvadora.

PREDESTINAÇÃO:
doutrina que prega que alguns homens (os eleitos) estão de antemão destinados à salvação, enquanto outros (os réprobos) estão destinados ao castigo eterno.

O tempo torna-se, nos países europeus de predominância protestantes, sinal de produção e monetização. Tempo é dádiva divina, tempo é para produção e produção é dinheiro. Tempo é dinheiro.³⁶

O tempo no bolso e o relógio também

No século XVI o relógio marcava o horário, mas ainda era vivido de modo descontínuo, fosse o horário de trabalho ou as relações comerciais. Mesmo que houvesse uma marcação dos ritmos para vida religiosa e comercial, essa marcação ainda era vivida de modo inconstante.

Mas com a invenção do relógio de bolso, objeto possível aos ricos donos de negócios, o tempo torna-se mais contínuo. Nasce um marcador para o tempo que

não pode ser desperdiçado, um tempo que é visualizado a todo o momento e não pode ser gasto à toa. O relógio de bolso é um instrumento de marcação que reforça a concepção de tempo é dinheiro.

A realização pessoal através da produtividade individual associada à fé austera, de predominância calvinista, passou a ser cadenciada pelo pequeno relógio. Iniciou-se nesse complexo processo cultural, econômico e moderno, a pressão psicológica de um tempo que está sobre o indivíduo, empurrando-o para produzir mais e em menos tempo.

A vida nervosa - o tempo acelerado

Segundo um grande historiador chamado Eric Hobsbawm, o fim do século XVIII era uma época de comunicação muito rápida se comparada aos padrões do século XVI. A concepção de tempo acelerado tornava-se um marco central do mundo moderno industrial.

A Revolução Industrial, principalmente na Inglaterra, mas depois em países como a França e a Alemanha, possibilitou uma mudança profunda na organização da sociedade. O que antes foi majoritariamente rural, aos poucos se tornou urbano.

Nos final do século XIX a revolução industrial fez da Inglaterra, e não só dela, um país com centros urbanos grandes e extremamente dinâmicos. Instalou-

-se uma temporalidade nervosa, a qual organizou as relações complexas das grandes cidades.

A percepção de tempo tranquilo e lento da vida rural vai sendo substituída pelo tempo rápido da produtividade e comunicação cada vez mais veloz.

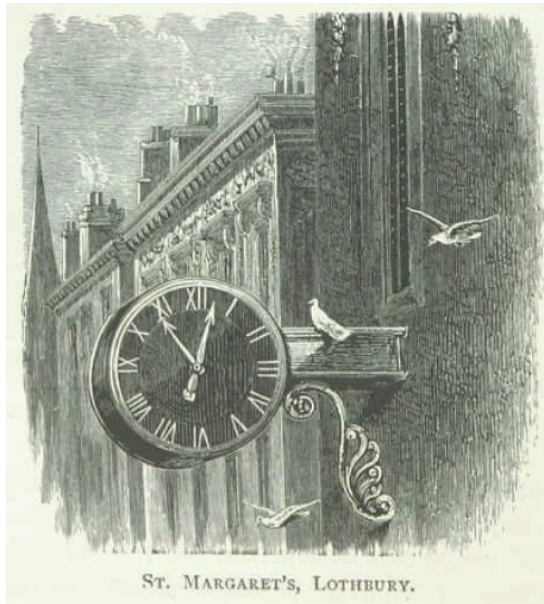


Ilustração feita com caneta e lápis por Richard Lovett em 1890. Igreja Santa Margaret Lothbury na Inglaterra, em Lothbury, cidade de Londres. A representação nos mostra como o tempo religioso e o tempo moderno do trabalho se mistura na Londres industrial.

Se o aproveitamento do tempo na produção de bens gera mais lucro, logo é necessário vender mais.

Para vender em grande quantidade é fundamental comunicação e qualidade na infraestrutura das cidades para o escoamento. Então, as estradas são melhoradas para os veículos puxados a cavalo que servem para escoar a produção, para os serviços postais e o transporte de pessoas. Os trilhos de ferro e o trem movido a vapor, com suas partidas e chegadas à estação, representam, simbolicamente, um tempo em movimento e racionalmente marcado pelo relógio.



“O Sabá das Bruxas”, de 1798, do pintor espanhol Francisco de Goya. A associação de religiões com temporalidade ligadas aos ciclos da natureza e bruxaria ainda persiste na mentalidade da Europa Moderna.

Nas paredes das fábricas o relógio marcou o tempo de produção e controlou a velocidade do trabalho dos operários: foi produzido sempre mais e em menor tempo possível, obedecendo aos cálculos da racionalidade econômica.

A face do tempo moderno, a partir dos meados do século XVIII e consolidados no século XIX, mostra-se instrumental: o sujeito deve viver para produzir e não produzir para viver. O professor e sociólogo Georg Simmel (1858 – 1918), filho de dono de fábrica e que vivencia as transformações da industrialização e do surgimento das grandes cidades modernas, na Europa do século XIX, assim olha e analisa o seu mundo:

O espírito moderno tornou-se mais e mais um espírito contábil. Ao ideal da ciência natural de transformar o mundo em um exemplo de cálculo e de fixar cada uma de suas partes em fórmulas matemáticas corresponde a exatidão contábil da vida prática, trazida pela economia monetária. Somente a economia monetária preencheu o dia de tantos seres humanos com comparações, cálculos, determinações numéricas, redução de valores qualitativos a valores quantitativos [...] As relações e oportunidades do habitante típico da cidade grande costumam ser tão variadas e complicadas, e sobretudo: mediante a acumulação de

tantos homens, com interesses tão diferenciados, suas relações e atividades engrenam um organismo tão complexo que, sem a mais exata pontualidade nas promessas e realizações, o todo se esfacelaria em um caos inextricável. Se repentinamente todos os relógios de Berlim andassem em direções variadas, mesmo que apenas no intervalo de uma hora, toda a sua vida e tráfego econômicos, e não só, seriam perturbados por longo tempo [...] Assim, a técnica da vida na cidade grande não é concebível sem que todas as atividades e relações mútuas tenham sido ordenadas em um esquema temporal fixo e supra-subjetivo.³⁷

O tempo inédito, da técnica, da produtividade e das grandes cidades representou o nascimento de uma nova organização social. Uma organização em que os sujeitos devem ser inicialmente esclarecidos pelas letras, competitivos, produtivos e que olhem para o futuro.

Tempo desorientado

A temporalidade moderna, mesmo com um ordenamento fixo, não deixa de lado as suas contradições. O tempo acelerado, técnico e organizado também se mostra na dúvida e na descrença dos sujeitos modernos. A modernidade com a sua representação temporal ordenada, é também, em algum aspecto, desbusso-lada, como observou Fritz Pappenheim:

*A atual inclinação para o niilismo nada mais é do que uma nova expressão do espírito de dúvida que se seguiu à predominância da crença - crença na grandeza do homem, na ilimitação do progresso e na soberania da razão - característica dos séculos dezoito e dezenove.*³⁸

E, também, como Nietzsche expressou em sua narrativa sobre o apagar de um horizonte, a desorientação do sujeito moderno em seu texto *A Gaia Ciência*, de 1882:

Nunca ouviram falar do louco que acendia a lanterna em pleno dia e desatava a correr pela praça pública gritando sem cessar: Procuro Deus! Procuro Deus! Mas havia ali muitos daqueles que não acreditam em Deus, e seu grito provocou um grande riso. ‘Ter-se-á perdido como uma criança?’ Dizia um. ‘Estará escondido? Terá medo de nós? Terá emigrado?’ Assim gritavam e riam todos ao mesmo tempo. O louco saltou no meio deles e trespassou-os com o olhar. ‘Para onde foi Deus?’, exclamou, é o que lhes vou dizer. Matamo-lo... vocês e eu! Somos nós, nós todos, que somos seus assassinos! Mas como fizemos isso? Como conseguimos isso? Como conseguimos esvaziar o mar? Quem deu uma esponja para apagar o horizonte inteiro? Que fizemos quando desprendemos essa corrente que ligava a terra ao sol? Para onde vai ela agora? Para onde vamos nós próprios? Longe de todos os sois? Não estaremos

*incessantemente a cair? Para diante, para trás, para o lado, para todos os lados? Haverá ainda um acima, um abaixo? Não estaremos errando através de um vazio infinito?*³⁹

Consequências das mudanças econômicas, sociais, geográficas e culturais traziam uma nova representação de tempo em um mundo denominado Moderno: o tempo urgente, que se mostrava organizado como uma seta que apontava para o futuro, mas, também, um tempo transitório e rápido que causava vertigem.



CAPÍTULO VII

CONCEPÇÕES DE TEMPO NAS MUITAS CORES DO BRASIL – ETNIAS INDÍGENAS

Importante entendermos que o tempo não é apenas um. Em uma sociedade pode haver várias concepções de tempo. Às vezes uma grande sociedade é formada por várias outras microsociedades, ou seja, grupos étnicos organizados e plurais. Olhem a sociedade brasileira! Ela é composta por outras pequenas sociedades que vão desde os povos quilombolas até variadas sociedades indígenas.

A sociedade brasileira, de modo geral, organiza o seu tempo de maneira linear, influenciada pelo tempo instituído na modernidade europeia industrial e tendo o calendário cristão gregoriano como referência. Falamos em ordem e progresso, evolução do povo, para frente Brasil etc. O calendário marca o tempo com *antes* e *depois* de Cristo, tem início no ano 1 (um),

o nascimento de Jesus Cristo, e progride somando os anos em ordem numérica crescente.

Essa grande casa que é a sociedade brasileira possui outros tempos históricos além do moderno e linear, que nós, em maioria, habituamo-nos a ter como orientação. Vejamos outras concepções de tempo existentes.

O tempo na cultura Zoró

A sociedade indígena Zoró, localizada na região do Mato Grosso e de Rondônia, tem outro tempo histórico que não o habitual e majoritário. Eles conhecem o tempo histórico linear moderno de influência europeia, mas também eles têm o seu próprio tempo.⁴⁰

Os Zorós possuem uma concepção de tempo que se desdobra em vários tempos, e usam-no de acordo com o momento oportuno. Não é um tempo em linha nem em círculo padronizado que identifica a sua cultura, mas é um tempo relativo. Relativo significa que eles se percebem, de acordo com o momento e circunstância, em uma experiência temporal que pode ser cíclica, linear, momentânea etc.⁴¹

Em sua cultura existe o *mene dere*, que é o Tempo, o grande Tempo do universo. O *aratigi mene, mene*, que é o tempo do passado. O tempo do mito, que é o tempo em que o *macaco cantava xi, xi pala la, xi xi pala la*, sen-

do o tempo do Criador do mundo. E existem outros tempos, como o tempo dos guerreiros, o tempo dos antepassados e a *Karália*, que é o tempo verbal do pedir para esperar.

Tais temporalidades possuem relações íntimas e relevantes com o espaço, com o cotidiano e com a história. A experiência do tempo da roça, do plantar, do esperar, de colher, o tempo da subsistência.

E há o tempo do cotidiano configurado verbalmente: do esperar e não pode ir a algum lugar no momento em que alguém chama, ou de pedir para parar, em uma caminhada conjunta, aonde o outro se adianta à frente.

E, dentre vários tempos, há o tempo do espírito, o tempo experienciado no rito Gujãnej que só pode ser feito à noite. Um tempo em que a história da cultura está associada ao mito de origem. O Mito do Gujãnej diz que:

Antigamente as árvores, as florestas e os rios não existiam. Então, o espírito Gujãnej ficou imaginando como poderia criá-los, pois queria para o povo Zoró, um universo perfeito, onde todos pudessem encontrar o alimento para sustentar o corpo e a energia para renovar a alma.

Sendo assim, Gujãnej fez surgir as florestas e os rios, cujas espécies de peixes foram nascendo depois que ele mastigou castanha,

misturando-a com farelo de milho que foi jogado na água. O universo e ambiente dele era a profundidade dos rios. Por isso, decidiu que lá seria o local de sua morada. Ali, seria conhecido para sempre como Gujãnej. Da mesma forma, ele também criou os artesanatos, adornos e vestimentas de palha de buriti, que usam até hoje para realizar os trabalhos, festas e cerimônias. O lugar de Gujãnej é o ponto de encontro entre os dois mundos, o mundo material e espiritual. É lá que Paju e Mandzilip se inspiraram para absorver as energias durante a festa de Gujãnej. Quando o corpo se acaba, o espírito vai para o fundo dos rios – Gujãnej.⁴²

Os Zorós possuem uma perspectiva do tempo espiritual fundada sobre uma cosmovisão mitológica que os fazem interpretar o mundo material e representá-lo, como podemos observar no mito de Gujãnej. A origem do mundo, a vida da natureza, os adornos e a morte encontram-se no rito onde o passado e o presente se misturam. Na cerimônia do Gujãnej a Origem e o Fim encontram-se em uma experiência temporal cíclica.

A concepção Zoró de tempo cíclico, além das outras experiências temporais citadas acima, também se revela nas observações sobre as estações, o tempo da natureza: o verão (*gawu mi*), tempo da estiagem, e o inverno (*Zuj mi te*), o tempo das águas. Quando no inverno a cajazeira é tocada pela água do rio, é sinal

que haverá fertilidade e boa produção agrícola. Mas quando a cajazeira não é tocada pela enchente do rio, isso é sinal de que no verão não haverá boa produção. O tempo do ciclo da natureza relaciona-se com o tempo futuro da escassez ou da abundância e influencia na organização do local onde se deve fazer a roça.

O tempo das comunidades indígenas do rio Tiquié

O rio Tiquié está localizado no estado do Amazonas. A região que abriga o rio é composta por várias comunidades indígenas. O rio é afluente de outro rio chamado Uaupés que, por sua vez, é afluente do Rio Negro. Há dezenas de milhares de indígenas que moram nesse espaço desde antes da chegada dos portugueses e de sua ação colonizadora sobre o território que atualmente chamamos de Brasil. São mais de trinta povos diferentes, dentre eles os povos Maku e os Tukano Orientais, divididos em vários subgrupos que têm as suas raízes fincadas na vida que a natureza da floresta amazônica oferece.

Os povos do rio Tiquié possuem uma concepção de tempo relacionada ao comportamento do rio ao longo do ano, que varia em mais seco ou mais cheio, de acordo com a vida que o rio oferece: as estações com muitos peixes ou com poucos peixes.⁴³



O calendário anual indígena dos povos do rio Tiquié enfatiza certos fenômenos e ciclos biológicos particulares como referência. Nomeadamente, o ciclo hidrológico (precipitações e, sobretudo, as flutuações no nível dos rios); o ciclo de vida dos peixes, especialmente de algumas espécies de aracus (gênero *Leporinus*) e o calendário agrícola.

Fonte: <https://ciclostiquie.socioambiental.org/pt/index.html>.

O tempo configura-se, também, a partir da produção agrícola: o tempo de plantar e de colher a cebola, a mandioca, o milho e vários outros alimentos. Há ainda as constelações em formas de animais silvestres, cada uma trazendo um significado, seja a história sobre a criação, as histórias passadas de geração em geração, remontando aos seus antepassados, que lhes trouxeram entendimento sobre o ciclo anual do rio e da vida oferecida abundantemente pela floresta.

A divisão do tempo a partir do calendário dos povos do rio Tiquié mostra-nos como se dá a concepção de tempo em uma conexão de várias partes, formando o todo da vida ecológica. São ciclos compostos por variados outros pequenos ciclos a partir das manifestações dos fenômenos da natureza: a reprodução dos peixes, migração de animais, comportamento variado do rio, das chuvas e observação das constelações.⁴⁴

O início do ciclo anual dá-se com a alteração do rio, a chamada enchente Jararaca (*Aña Poero*), que tem início entre os meses de novembro e dezembro do calendário gregoriano (calendário cristão), o qual, como já dito, majoritariamente usado no Brasil. Esse primeiro ciclo está relacionado às chuvas e à cheia do rio com a reprodução dos peixes, dos insetos e o aparecimento de anfíbios como a cobra Jararaca. Esse período é influenciado pela constelação da Jararaca.

O segundo ciclo é a continuação da enchente e da reprodução dos peixes em janeiro, depois vêm as fases de seca em fevereiro influenciadas pela constelação do Tatu (*Pamo poero*). É um ciclo marcado pelo desbarancamento das margens do rio, sujando e deixando a água marrom e espumosa.

O terceiro ciclo, também relacionado ao rio, é influenciado pela constelação de Jacundá – um tipo de peixe (*Muha poero*). Aparece junto a pequenos perío-

dos de verão no mês de março e logo depois em abril. Nesse período acontece a grande enchente durante a qual os animais; cutias, pacas, tatus, migram às terras mais altas para sobreviver.

O quarto ciclo é marcado por uma das maiores enchentes do ano, as Plêiades - constelação (*Ñokoatero poero*) entre o mês de abril e junho. Período que antecede o fim da reprodução e da piracema do ano. O rio oscila entre cheio e baixo devido à alternância das chuvas, depois frio, chuviscos, ventanias, relâmpagos e trovoadas.

O quinto ciclo, entre agosto e outubro, é menos marcado, há uma variedade de mudanças no comportamento da natureza. Nesse ciclo há a constelação da Garça (*Yhe*) e o aparecimento dos verões chamados de *Iña* (Iã ou ainda *Hiña*), período abundante de lagartas comestíveis sazonais das árvores de *cunuri*.⁴⁵

Além desses ciclos existem outras constelações com formas e nomes de variados animais, desde a Lontra (*Diayoa*) até o Jabuti (*Uú*), e outros momentos que marcam e instituem a percepção de tempo na cultura dos povos do rio Tiquié.

A concepção de tempo entre os Bantu: um tempo ancestral

Cerca de quatro milhões de pessoas foram escravizadas e trazidas à força para a colônia portuguesa, a qual, hoje, chama-se Brasil. Seus descendentes, em maioria, constituem a sociedade brasileira. Os que antes eram chefes de um povo, reis e rainhas de outros, pessoas comuns e importantes em suas tribos, comunidades e sociedades no continente africano, foram violentamente arrancados do seu berço natural e vendidos como mercadoria.

Essas pessoas não tiveram só os seus corpos, suas ligações familiares e seus gêneros chicoteados pelos instrumentos físicos e pela violência simbólica da indiferença dos mercadores. Foram também violentadas em uma parte de suma importância em suas identidades; a sua raiz linguística, isto é, raiz das suas maneiras de se comunicar através do idioma e de outros códigos que constituem a linguagem.

A linguagem é parte fundamental para que nós nos entendamos como seres de identidade, históricos e temporais. A experiência de saber quem somos, enquanto pessoa e sociedade, vem da linguagem produzida e inventada através da nossa relação viva com o mundo.

Dos povos trazidos para a colônia, 75% têm origem linguística Bantu, ou, como é mais conhecida no Brasil atual, Banto. Dentre esses povos estão os que foram trazidos de Moçambique, Congo, Angola etc. Mesmo sendo povos distintos, eles compartilhavam do mesmo tronco linguístico, isto é, o Bantu. São povos diversos, mas é possível verificar traços culturais comuns que se assemelham devido à sua origem linguística única.

Com os pés no Brasil colônia esses povos ressignificarão, em variadas regiões onde eram escravizados, os seus costumes e crenças como forma de resistência à prática de imposição cultural do colonizador branco cristão. Mas qual a concepção de tempo que os Bantus possuíam antes de serem escravizados e colonizados?

O tempo Bantu

O tempo (*Hantu* – palavra para lugar e para tempo na estrutura linguística Bantu) na cultura Bantu não tem importância fora das ações concretas do e no mundo. É diferente do tempo majoritário constituído na Europa ocidental moderna que o percebia como uma dádiva abstrata que devia ser aproveitado e não desperdiçado. Um tempo abstrato, pré-existente e que foi marcado pelos relógios. Tal tempo também pensado como uma grandeza em linha, ou seta que aponta para o futuro, ao qual se obedecia para produzir e ser produtivo.

O tempo (*Hantu*) para os Bantus é indiferente enquanto um fato não acontece para que se possa marcá-lo. Ele se faz na ação dos homens e mulheres no mundo, na ação dos animais, na ação da natureza com seus fenômenos, tais como o terremoto, a enchente, a inundação e o período de seca. Assim que se manifesta concretamente no tempo, a ação é identificada e marcada.

É o tempo que só existe na existência, na experiência em si, e, às vezes, nos ritos, que traz o tempo passado marcado na memória quando relacionado com os ancestrais.

O tempo (*Hantu*) é marcado como referência no próprio evento que possui considerável significação: tempo plantar, tempo colheita, tempo reinado, tempo invasão, tempo expedição dos Guerreiros etc. Os fenômenos são sinônimos de tempo que podem ser mais longos ou curtos, dependendo da duração desses.

Após o evento, o tempo (*Hantu*) em si é fechado e selado, só existe no evento em si. O que se segue após isso é o vazio, ou seja, a ausência de referência como marcador. Esse espaço vazio é preenchido pelas ocupações da vida diária, não que essas ocupações não sejam importantes para os Bantu, mas cada um, individualmente, preenche esse vazio sem que elas, as ocupações, sejam referências significativas de tempo.

As três fases do tempo na cultura Bantu

O eminente historiador e filósofo ruandês Alexis Kagame ⁴⁶ apresenta-nos as três fases do tempo na cultura Bantu. Ensina-nos que: o presente é o tempo do evento que se desenrola e é diferente do já acontecido. O presente dura enquanto durar o evento, seja este longo ou curto no seu desenrolar. Um reino, mesmo longo, sempre será atual. O presente é individualizado no evento existente e é sempre atual.

O passado tem uma importância muito grande. Ele existe a partir do fechamento da trajetória do evento realizado pelos vivos (ancestrais) que foram presentes, e sem os quais a sua linhagem atual não se perpetuaria. Sem o passado a geração atual não existiria. Isso parece um truísmo, algo evidente por si só para nós, mas para os Bantus essa concepção da fase do tempo põe uma estreita relação entre os antepassados e seus descendentes.

O passado não significa que os homens e mulheres que existiram e agora não existem mais acabou e pronto, como algo banal. O Significado é profundo e traz em si que todos os elementos que constituem a sua cultura: tais como a língua, os ritos, suas instituições políticas, seu sistema econômico e suas funções exercidas na organização do grupo, não existiriam sem eles.

Além disso, consta nessa relação estreita entre os antepassados e seus descendentes, a crença de que estes só podem existir e perpetuar a sua linhagem com a proteção dada pelos ancestrais. Os Bantus voltam-se para o passado com muito respeito e apreço, pois esse é responsável por garantir o seu futuro individual e de toda descendência.

O futuro, em estreita relação com o passado, está na perpetuação social do grupo e de sua linhagem. O território, que é ambiente comum que lhes foi legado pelo ancestral, é protegido e defendido. A manutenção do futuro, da linhagem, faz-se mais forte na comunicação espiritual com os antepassados, em ritos no presente que deseja um bom futuro.

Podemos dizer que a concepção de tempo Bantu é individualizada ao evento, desdobrando-se nos ritos (cíclicos) para a perpetuação da sua existência através dos laços espirituais estreitos com os seus antepassados.

Através das cerimônias cíclicas, em períodos marcados, o grupo experimenta o passado, o presente e o futuro através do rito. Como, por exemplo, o rito de início de um novo ciclo do reinado de uma dinastia, em que o passado, presente e futuro cruzam-se na experiência em si da liturgia.



CAPÍTULO VIII

O TEMPO DAS REDES

Tecnologias digitais e a conexão em rede: o ir além do limite do corpo

A impossibilidade de apagar em nós a nossa natureza limitada é que nos faz tentar ir além. O antropólogo Ernest Becker disse que homens e mulheres constroem as suas relações sociais, seus namoros, suas brincadeiras, seus jogos de poder e seus truques psicológicos negando o seu fim que é a morte.⁴⁷

Essa ideia de fim é assunto delicado para nós em nossa cultura, e por isso não raras vezes é colocado atrás de um biombo do “*isso não se fala.*” Mas convido você a pensar a finitude como um avesso natural que sustenta e faz perpetuar a própria vida.

Você já pensou em como a vida humana estaria hoje se nada morresse ou chegasse a um fim, desde

que ela surgiu, há 3,5 bilhões de anos!? Se assim fosse, a própria vida e a casa comum que a abriga, o planeta Terra, não se sustentariam.

Vida e morte são irmãs, não inimigas. É a morte que dá à vida condições para se manter. A vida não permanece sem a sustentação do seu fim. A vida carrega um natural encontro com o seu limite.

É fato que o encontro com o limite faz-nos sofrer, mas também nos traz no seu avesso a alegria do ir além ou do aproveitar momentos únicos. Há um paradoxo em nós: pisamos no chão, mas nossos pensamentos vão além das estrelas. Temos um corpo limitado, mas a nossa mente abriga o infinito.

O que essa reflexão sobre tanatologia tem a ver com a concepção do tempo no mundo das redes digitais? Pensamos que, para falar sobre tecnologias e a sua influência em nossa concepção de tempo, é preciso entender que elas são extensões de nós, do nosso corpo.

TANATOLOGIA:

é o estudo científico da morte e do morrer, especialmente em seus aspectos psicológicos e sociais.

O nosso corpo busca ultrapassar os seus limites e, é no encontro com o limite, com a morte, que nos trans-

cedemos e produzimos cultura. E as tecnologias são partes integrantes desta.

O filósofo Marshall McLuhan ensina-nos que as tecnologias são extensões do corpo, é uma maneira do corpo transcender a sua limitação. Assim as rodas são extensões das pernas. As roupas são extensões da pele. A escrita alfabética é extensão da linguagem. A linguagem, por sua vez, é extensão do pensamento. Os processadores computacionais, extensões do nosso sistema nervoso central.⁴⁸



Toda produção tecnológica carrega no seu desenvolvimento uma base comum que é o reconhecimento

do limite. E é o reconhecimento do limite e a busca pelo além dele que nos faz criar e compartilhar tecnologias.

O paradoxo que somos, imanência e transcendência, limitado e ilimitado, contribui para construirmos aquilo que chamamos de sociedade com os seus aparatos tecnológicos. Nós buscamos ir além com as tecnologias. Transcendemos desde a primeira pedra lascada até o atual smartwatche. Também transcendemos com as tecnologias simbólicas, que vão desde as primeiras marcas nas paredes das cavernas até o logotipo da Facebook.

As tecnologias que produzimos não são neutras, elas afetam a maneira como nós nos organizamos em e na sociedade. Consequentemente elas afetam as concepções que temos de tempo, já que este é um fio simbólico que sustenta a organização e a dinâmica da vida em sociedade. Não há sociedade conhecida que se organize sem uma percepção e experiência temporal. E geralmente usam de marcadores para reforçar tal experiência.

Na sociedade medieval o soar dos sinos marcava um tipo de concepção de tempo. Já na sociedade moderna o tic-tac do relógio mecânico marcava outro tipo específico de concepção temporal.

Atualmente ser online marca outra concepção de tempo. Mas atenção! Não é o relógio, ou o sino, ou os aplicativos dos celulares em si que exclusivamente trazem ou produzem novas concepções de tempo, mas todo um arranjo de elementos (línguas, crenças, valores, instituições, economia etc) que constituem uma sociedade ao longo da história.

Mas pensamos ser importante observar um aspecto desse arranjo de elementos para nos aproximar da concepção de tempo da sociedade ocidental atual, isto é, o aspecto das tecnologias digitais da comunicação e informação na era da sociedade em rede.⁴⁹

Um século transformador

Este não é um livro sobre a história das tecnologias, mas é importante entender uma prévia das transformações e da origem das tecnologias digitais da comunicação e informação para, inicialmente, compreendermos a concepção de tempo em uma sociedade cada vez mais digital e em rede.



No século XX, três importantes contatos globais de nós humanos com a morte, ou seja, com a sua consciência de finitude, estimulou o aprimoramento e o nascimento de novas tecnologias em uma escala sem precedentes. A Grande Guerra (1914 - 1918), Segunda Guerra mundial (1939 -1945) e a Guerra Fria (1945 - 1989) foram os contextos em que nasceram as tecnologias principais que afetam o mundo até os tempos atuais.

Nunca, na história, produziu-se e desenvolveu-se tanta tecnologia em um espaço de tempo tão curto. O século

XX marcou uma curva exponencial no desenvolvimento tecnológico.⁵⁰

O século XXI nasceu marcado com o aprimoramento e a difusão em massa das tecnologias digitais de comunicação e informação, as mídias digitais, as quais, em conjunto com outras, trouxeram marcas significativas, estimulando o nascer de uma nova concepção de tempo. Mas o que são mídias digitais?

Mídia digital é toda tecnologia de comunicação e informação (televisões, rádios, tablets, ebooks, games, smartphones, smartwatches etc.) que funciona a partir do sinal digital, ou seja, sinal através de dois dígitos exatos, zero e um (0 e 1), em código binário exato, e diferencia-se das tecnologias analógicas, que funcionam a partir do sinal em ondas com códigos variáveis.

Isso significa uma transmissão de dados (sons, imagens, letras, vídeos) mais rápida, nítida e em maior quantidade, ocupando um espaço infinitamente menor comparado ao meio de transmissão de dados por tecnologia analógica. Na tecnologia digital os dados são convertidos em sequências numéricas ou dígitos (*digital*), tais dígitos são interpretados por processadores capazes de realizar cálculos de extrema complexidade em questão de frações de segundos. Assim, os sons, as imagens, os vídeos, as letras e mensagens de texto são convertidos, armazenados

e transmitidos em dígitos em velocidade espantosa, ocupando espaço ínfimo.⁵¹

Vamos a um exemplo mais prático, as máquinas fotográficas. A geração dos anos 80 teve contato com a máquina fotográfica analógica. Ela funcionava com um cartucho e uma película em seu interior que permitia “tirar”, em média, 36 fotos. Era a quantidade de fotos que cabia naquela película, que através de um processo químico era revelado. Dependendo do tipo da máquina, esse cartucho era levado em lojas de fotografia para um técnico executar o processo de revelação, que durava horas para ser finalizado. Com a tecnologia digital o processo de revelação de fotos é instantâneo. A cena captada é processada em dígitos e convertida em imagem em fração de segundos e em uma quantidade de fotos infinitamente maior que 36. São centenas de fotos ocupando um mínimo espaço.

O meio de transmissão digital integrado a processadores com altíssima velocidade abriu espaço, ao longo do século XX, para o surgimento de uma rede de comunicação descentralizada que veio a se tornar o que chamamos de internet. Uma tecnologia originalmente desenvolvida pelos militares estadunidenses entre os anos 50 e 60 no período da Guerra Fria – a Arpanet. Logo depois, pouco a pouco, sendo aprimorada, a tecnologia passou para o uso comum, primeiro em universidades, depois para o público geral.

Nos anos 90 foi desenvolvida por Tim Berners-Lee e seus colegas o que conhecemos como WWW (*World Wide Web*), iniciando as *páginas* e *sites* como novo meio de compartilhamento de dados. Antes dessa invenção o compartilhamento era realizado através do BBS (*Board Bulletin System*) – lista de mensagem – e e-mails.

Nos anos 2000, com a criação das redes sociais e a produção de conhecimento colaborativo e uma densidade maior de conexões, foi cunhado por Tim O’Reilly o termo Web 2.0. Diferente da Web 1.0, que era mais estável em sua operação através de blogs, navegadores e transposição de conteúdos *offline* para digital (digitalização de conteúdos físicos e etc.), a Web 2.0 define o uso de plataformas mais dinâmicas e em constante transformação gerada pela interação, produção e participação dos seus usuários – Google é um exemplo.

Junto ao aprimoramento da internet, a invenção dos computadores portáteis pela Apple e depois pela IBM, nos anos finais da década de 70 e início dos anos 80, possibilitou o início, através dos PCs (*Personal Computer*) a conexão mundial entre os indivíduos. Tal conexão foi e é aprimorada continuamente a partir da criação do primeiro aparelho Smartphone, em 1994, chamado IBM Simon. Já nos anos 2000, com a conexão Banda Larga, tais aparelhos começam a se popularizar e, 20 anos depois, o mundo digital e em rede está articulado com a vida humana em escala

global, possibilitando trocas quase infinitas de dados, seja em conversas rotineiras, seja no universo complexo do mercado e da política internacional.

As tecnologias digitais possibilitaram o desdobrar de novas formas de interações sociais, políticas, econômicas e de produção de conhecimento compartilhado sem precedente na história. Tais tecnologias, não única e exclusivamente, pois é um aspecto do todo de uma sociedade, como dito acima, influenciou a percepção de tempo da sociedade atual. Mas como afetou a percepção de tempo? Qual a concepção de tempo da sociedade em rede e com tecnologias de comunicação e informações digitais?

As concepções de tempo na sociedade em rede

A concepção de tempo na sociedade em rede é diferente da concepção de tempo centralizado de uma sociedade com organização piramidal em que um, ou um grupo, personifica e determina sutilmente, ou por imposição, o ritmo de uma maioria na base da pirâmide social. Usemos como exemplo a organização hierárquica a partir do século XVI da Europa ocidental moderna, período durante o qual a concepção predominante de tempo passa por modificações e consolida-se no ritmo das fábricas no século XIX.

O tempo produtivo moderno é marcado pela aceleração e pelo relógio no alto das torres, na parede das fábricas, no relógio de bolso do dono da fábrica que observa de cima o operário em baixo, no chão da fábrica. É o tempo personalizado do patrão que dita a obediência do operário ao ritmo acelerado do produzir mais e em menos tempo. Esse tipo de concepção de tempo tem sido modificado a partir das novas relações da sociedade em rede.



O tempo monopolizado e centralizado nas mãos de uns poucos seletos, determinando a cadência uniforme de uma maioria em seu ritmo de vida cotidiana, não desapareceu no século XXI. Mas, certamente, houve modificações radicais a partir do advento das tecnologias digitais somadas à hiperconexão entre as pessoas. Grupos e instituições em constante troca de dados por meio de um sistema interligado de computadores em rede planetária, isto é, a internet, que possibilitou o nascer de uma nova experiência social de tempo.

A sociedade hierárquica industrial configurava-se a partir de um modelo organizacional cotidiano mais ou menos assim: o horário de tomar café, bater o ponto de entrada e saída do trabalho, pensar em um futuro melhor para os filhos, hora do almoço para recuperação da energia gasta no período matutino de trabalho, voltar a produzir no vespertino, finalizar o dia de trabalho. Após isso, chegar em casa, desligar-se do ambiente de trabalho, sentar-se com a companheira ou com o companheiro, jantar com os filhos todos ao redor da mesa, perceber as horas pelo programa que passa na televisão antes de ir dormir e então dormir para recuperar a energia, voltar ao trabalho e manter a rotina, sonhando com o futuro.

Essa configuração com base temporal moderna ainda existe, mas já não é dominante na sociedade digital ou na chamada sociedade em rede. Na sociedade em rede as hierarquias dissolvem-se em relações horizontais. A estrutura, antes piramidal, torna-se uma estrutura aberta e interconectada em nós.

Se na sociedade piramidal o trabalho tinha um local fixo, agora ele está onde há conexão, seja em casa ou em um local de deslocamento, como em um aeroporto etc. Onde há internet e um Laptop, um Smartphone, o trabalho está. Assim também é com a educação formal que pode ser realizada a distância e com as relações familiares que se faz online através de chamada de vídeo.

Nas relações mais íntimas e pessoais, que vão do sexo ao almoço em família, o online (a linha) está presente. A linha que conecta os nós deve estar sempre “On”. Agora o ser deve ser-On, como diz a mensagem de marketing de uma grande empresa de cosmético no Brasil.

A partir dessa nova organização estrutural, sociedade em rede, entendemos que a percepção de tempo foi alterada. Vamos observar três aspectos dessa nova temporalidade.

Aspectos do tempo na sociedade em rede

O tempo na sociedade em rede mostra-se fragmentado, online e comprimido. Reflitamos sobre esses três aspectos. Isso não significa que eles esgotam o que seja a concepção de tempo na sociedade em rede, mas é uma aproximação válida para que possamos chegar a um entendimento.

Vale fazer uma observação. Tal fenômeno temporal é recém-nascido na história, isso significa que tais aspectos podem ser reinterpretados e modificados, pois estamos mergulhados neles e sem um distanciamento para vê-los com completude. Isso significa que não podemos notá-lo historicamente? Não, claro que podemos.

Essa prática de investigação, interpretação, reflexão e escrita sobre um período histórico no qual estamos vivos e mergulhados, os historiadores chamam de *História do Tempo Presente*. Então, a partir da História do Tempo Presente, vamos observar alguns desses aspectos da concepção de tempo na sociedade em rede.

O tempo comprimido

Um dos aspectos da concepção de tempo na sociedade em rede é o tempo comprimido. O tempo é condensado a ponto de negar a ideia de processo, ou seja, é tudo agora e imediato. É a concepção de tempo não como processo linear ou cíclico com fases definidas em passado, presente e futuro, mas em um *puro agora*. Tal fenômeno faz com que um importante professor, Manuel Castells, chame essa experiência de *tempo intemporal*.

O presente radicaliza-se a ponto de o passado tornar-se uma pauta quase inexistente e o futuro ser raramente mencionado. É a experiência histórica do tempo, a qual o historiador François Hartog chama de *presentismo*.

Se na história há períodos em que o passado é visto como importante experiência de ensino para não se cometer os erros idos, e se o futuro direciona os olhos da humanidade para uma possível vida melhor em

progresso, agora, o tempo comprime-se e fixa-se no presente. O eixo da perspectiva humana, a partir da sua experiência com o tempo na era digital, muda de direção e não aponta nem para trás nem para frente, nem para o passado nem para o futuro, mas para o *centro do agora*.

A angústia humana dá-se na experiência da demora, de algo que nunca vem, sem direção de onde pode vir, também sem direção para onde devemos ir. Se o coelho de *Alice no País das Maravilhas* corria atrás do tempo porque ele estava atrasado em sua busca pelo futuro, agora ele olha para o seu smartwatch e angustia-se sem ter direção. É o tempo comprimido em eterno presente. É o tempo *aqui-agora* inserido em uma rede de interações com infinitos contatos, mas sem uma narrativa que dê sentido ao passado e ao futuro.

No tempo comprimido do *aqui-agora* as mídias audiovisuais digitais procuram estar condensadas ou recortadas em menos tempo (cronológico) possível. Vídeos curtos, como o do aplicativo Tic-Toc, procuram transmitir a sua mensagem em 15 segundos no máximo. Em média os vídeos mais condensados e curtos são aderidos por mais pessoas.

Pesquisa feita pela empresa estadunidense especialista em produção de vídeos explicativos para internet, Breadnbeyond, em 2016, constatou que a média

ideal para duração de um vídeo explicativo, seja para marketing ou outros, é de 2 minutos no máximo. A pesquisa mostra que:

*[...] a taxa média de retenção de público de um vídeo explicativo de 1 minuto (ou menos) é de 77%. Isso significa que um vídeo de 60 segundos (em média) prenderá a atenção dos espectadores por aproximadamente 47 segundos. Após 3 ou 4 minutos, as pessoas simplesmente param de assistir ao vídeo em questão, independentemente de sua qualidade.*⁵²

Como dito acima, um dos aspectos do tempo, na sociedade em rede, é a experiência compacta deste. O processo narrado com uma duração relativamente longa é uma experiência que tende a ser rejeitada.

O tempo descentralizado

A concepção de tempo moderno centralizado e personificado nas mãos de um só, o chefe como centro na organização de um grupo, como já discutimos acima no texto, também é afetado. Agora, em rede, o tempo fragmenta-se em vários nós através de variados grupos que se conectam, cancelam-se, distanciam-se, aproximam-se, estando sempre em fluxo, em movimento constante e *sendo* (do verbo *ser*) online.

As relações tornam-se horizontais e não mais verticais. Cada nó da rede, isto é, cada grupo empresarial, familiar, educacional, erótico, de amizades próximas ou distantes, religiosos ou ateus, todos eles se esbarram, conectam-se, repelem-se ou dialogam. Um exemplo são os grupos de Whatsapp, onde há comunicação com um objetivo ou desejo comum dos que participam. Caso haja discordância extrema de tal desejo ou objetivo, a possibilidade do surgimento de novos grupos, a partir do grupo primário, é bem comum. Como já dito: esbarram-se, conectam-se, repelem-se ou dialogam.

Todos eles se aproximam ou distanciam-se no movimento interligado das redes. O tempo é de cada habitante do nó constituinte da rede. A rotina, outrora centralizada em um único poder e refletida nas atividades cotidianas cadenciadas pelo Patriarca, pelo Papa, Rei, Estado, Patrão, Chefe ou Gerente, espatifa-se em milhões de pedaços. Esses pedaços são os nós da rede tencionando e estimulando constantemente a interação online.

Portanto não há um centro fixo de comando ou liderança que personifique o poder de cadenciar as atividades. Na prática, as rotinas mudam. A hora do almoço deixa de ter horário fixo e configurado ao redor da mesa com a família e passa a ser na frente de uma

tela, cumprindo o home Office em interação mundial com outros nós individuais ou em grupos.

Aplicativos como Whatsapp, Telegram, Viber, Signal, Messenger e Skype possibilitam interações descentralizadas e ativas em que todos podem ser administradores do aplicativo, e através dos quais todos podem se comunicar através de várias linguagens: escrita, áudio, vídeos, emoticons etc.

Podemos dizer, também, que os relógios modernos derretem como no quadro do Salvador Dalí, tornando-se pixels. O marcador exemplar do tempo moderno – o relógio – mudou o seu local e posição. Os relógios, antes grandes, mecânicos, analógicos e centro de orientação temporal, passam a ser microrrelógios digitais quase despercebidos no canto de cada tela dos smartphones e notebooks espalhados pelo mundo. Pois cada nó é um centro em si e não necessita de um marcador temporal como referência de orientação exclusiva que não seja a própria dinâmica da rede, movimentada pelos seus participantes através de variadas formas de interação social que elas possibilitam.

O tempo que não desliga

Com o aprimoramento da própria dinâmica da internet, deixando de ser conexão discada nos anos 90, passando para banda larga associada com os apa-

relhos móveis, o indivíduo passa a *ser* online e não mais estar online.⁵³ O tempo no mundo digital, além de comprimido e descentralizado é perene e sem intermitência: Se na concepção moderna de tempo havia um *ligar* e um *desligar* como indicador temporal no campo habitual da vida cotidiana, na sociedade em rede isso se torna quase irrealizável na dinâmica do mundo digital do *ser online*.

INTERMITÊNCIA:
interrupção temporária, um intervalo.

Houve uma mudança significativa na concepção de tempo intermitente, onde o tic-tac do relógio comandava a hora de parar, de descansar, de dormir e depois levantar para trabalhar.

Na sociedade em rede o marcador da hora de dormir é o corpo e a mente esgotada pela interação constantemente online. Se a sociedade em rede não tem tempo de parada, o corpo e a mente desligam, mostrando assim o seu limite diante de um tempo construído culturalmente a partir das tecnologias digitais, a princípio como extensão do corpo, mas que extrapolou a própria lógica de funcionamento deste.

Algumas práticas cotidianas como ir à escola ou à faculdade, nossas relações interpessoais de amizade e troca de experiências e a nossa relação com o trabalho

remunerado, só para apontar algumas de várias práticas, foram alteradas.

Se o desligar depois de um tempo de atividades na escola ou faculdade era prática comum, isso nos parece ter mudado. As atividades, as aulas e o ensino estão online nas plataformas digitais e não mais exclusivamente fixos em uma determinada instituição física e isso possibilita acesso contínuo.

Se havia um desligar depois de um encontro físico com os amigos, já não há mais. A interação online continua nos grupos de aplicativos após a aula, o encontro ou uma viagem em grupo. A concepção de tempo com marco divisório do ligar e desligar as relações desvanece na sociedade em rede.

Se no trabalho havia um cartão de ponto a se bater, deixando o trabalho do dia para trás, na sociedade em rede, o trabalho é levado para casa com a pessoa através da conexão online do seu smartphone ou notebook. A concepção de tempo deixou de ter um disjuntor em que se desliga as luzes da fábrica, as luzes do tempo do estudo, as luzes do tempo das interações amicais e se mantém, agora, em ligação direta. A temporalidade da sociedade em rede não tem a fronteira do desligar, mas só o tédio ou alegria da interação constantemente ativa. Como diz uma importante empresa italiana de telefonia: é sem fronteiras, é ilimitado.

ÚLTIMO APONTAMENTO

[...] os homens e mulheres do presente distinguem-se de seus pais vivendo num presente **que quer esquecer o passado e não parece mais acreditar no futuro**. Mas a memória do passado e a confiança no futuro foram, até aqui, os dois pilares em que se apoiavam as pontes culturais e morais entre a transitoriedade e a durabilidade, a mortalidade humana e a imortalidade das realizações humanas, e também entre assumir a responsabilidade e viver o momento.

(Zygmunt Bauman) ⁵⁴

Você observou nesse texto que assim como há uma variedade de culturas, épocas e transformações sociais, também há variadas concepções temporais. O tempo só existe enquanto tempo humano a partir das nossas interpretações, ações e hábitos em contextos culturais e práticas cotidianas.

Mas, mesmo com as variadas concepções de tempo, não podemos negar que exista uma concepção

majoritária: o tempo associado ao funcionamento do sistema econômico capitalista. Tal sistema econômico, ou seja, o modo como nos organizamos e administramos a produção, distribuição de bens, realizações e consumo de serviços, carrega em si um tempo imposto e aceito pela maioria dos países do mundo.

Esse tempo, que é dominante, nasce com os mercados medievais, consolida-se na industrialização e pulveriza-se pelo mundo através das relações internacionais e globais do comércio, junto aos aparatos tecnológicos digitais através de sistemas computacionais em rede.

O professor e filósofo Byung-Chu Han diz que esse tempo predominante e atual é marcado por uma crise de dispersão. A percepção de que a vida ou o mundo está acelerado não é nova, mas apenas sintoma de um tempo atomizado que se desloca sem uma direção pré-definida. Han diz: *“A sensação de que a vida está a acelerar, na realidade, vem da percepção de que o tempo se desloca sem rumo.”*⁵⁵

Com o tempo atomizado e sem coordenadas a percepção de duração praticamente desaparece no efêmero. Essa experiência não deixa de estar condicionada à exacerbação da vida ativa que degrada a pessoa fazendo dela um animal para o trabalho, para o consumo físico e online.

A percepção de tempo nascida da experiência da vida ativa, da atomização e desordenamento de uma narrativa com início, meio e fim, constrói sujeitos com a identidade compactada em um pequeno *eu* que cuida do corpo, mas sente-se uma garrafa à deriva no oceano.

Mas o tempo, muito nosso e humano, é passível de transformações. Se a nossa experiência do tempo é uma representação cultural, então é possível transformá-la para que esta seja uma experiência harmônica e não agressiva à vida.

As percepções temporais de alguns povos da floresta que foram apresentados acima nos dão exemplo de que isso é possível. Construir uma percepção temporal que respeite o planeta Terra e conseqüentemente a nós mesmos é possível.

Talvez, como um dever ético para mantermos vida humana, refletir e elaborar uma nova percepção temporal seja necessário. Se a nossa percepção de tempo é semelhante a uma dança frenética e desorientada, então, talvez, pedir calma, ter uma experiência mais leve, seja fundamental.

Não é prejudicial buscar uma concepção de tempo com mais qualidade, contemplativa e saudável. Como nos diz o olhar poético do cantor e compositor Lenine:

***Enquanto o tempo acelera e pede pressa
Eu me recuso, faço hora, vou na valsa.
A vida é tão rara.***

AGRADECIMENTOS

O texto escrito por um indivíduo carrega o coletivo em seu tecer. Sendo assim, agradeço a todos aqueles que contribuíram direta e indiretamente com a produção desta obra. Em primeiro lugar agradeço ao grande Amor, Mistério Absoluto e Fonte de toda a vida. Aquele ou Aquela que tem muitos nomes e que reduzidamente denominamos de Deus, ou Deusa. Em segundo lugar agradeço à minha companheira, Fernanda Vasques, por seu auxílio em todos os momentos. Agradeço também aos professores Leonardo Boff e Roger Chartier pela generosidade e contribuição. Ao meu amigo e professor Dr. Carlos Prado pela interlocução, sugestões e leitura do texto. Ao meu orientador e professor Dr. Rodrigo B. Cracco pelas observações, correções e sugestões. À minha amiga e professora M.^a Sarita Souza pela interlocução e apontamentos sobre o texto. Ao meu amigo e professor Emílio Neto pelos apontamentos e interlocução. À minha professora Dr.^a Marinete Z. Rodrigues pela leitura e interlocução sobre o texto. À minha amiga e

professora Dr.^a Vivina Dias Sol por ler os primeiros rascunhos e sempre ter um olhar generoso e uma fala estimuladora. Agradeço a todos os trabalhadores e trabalhadoras que sustentam, com pesados impostos, o ensino público brasileiro. Obrigado a todos (as).

BIBLIOGRAFIA

- 1 CHARTIER, Roger. *A História ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: ed. Autêntica Editora, 2009.
- 2 CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*, Lisboa: ed. DIFEL, 1990.
- 3 HARARI, Yuval Noah. *Sapiens: uma breve história da humanidade*. Porto Alegre: ed. L&PM, 2015.
- 4 STEIGER, André. *Compreender a história da vida: do átomo ao pensamento humano*. São Paulo: ed. Paulus, 1998.
- 5 RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa* – Tomo 1. São Paulo: ed. Wmf Martins Fontes, 2019.
- 6 AUFFRAY, Jean Paul. *O espaço-tempo*. Portugal: ed. Instituto Piaget, 1998.

- 7 KEHL, Maria Rita. *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: ed. Boitempo, 2009.
- 8 HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: ed. Autêntica, 2019.
- 9 REIS, José Carlos. *História, a ciência dos homens no tempo*. Londrina/PR: ed. Eduel, 2009.
- 10 LE GOFF, Jacques. *A História deve ser dividida em pedaços?* São Paulo: ed. UNESP, 2015.
- 11 REIS, José Carlos. *A História, entre Filosofia e Ciência*. Belo Horizonte: ed. Autêntica, 2004.
- 12 BARROS, J. D. O que é uma “escola” na historiografia? Um paralelo com a Filosofia. *Cadernos de História*, v. 13, n. 18, p. 98-115, 2012.
- 13 BOURDÉ, Guy, MARTIN, Hervé. *As escolas históricas*. Belo Horizonte: ed. Autêntica, 2018.
- 14 BURKE, Peter. *A escola dos Annales (1929- 1989): a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: ed. Unesp, 2010.
- 15 REIS, José Carlos. *Escola do Annales: inovação em história*. São Paulo: ed. Paz e Terra, 2000.

16 BRAUDEL, Fernand. Escritos sobre a História. São Paulo: ed. Perspectiva, 2007.

17 BRADLEY, RICHARD. The Idea of Order: The Circular Archetype in Prehistoric Europe. Inglaterra: ed. Oxford University Press, 2012.

18 GAMÓN, Carles Rosaleny. Stonehenge. Vestígios un mito. Espanha: ed. Universidade Politécnica de Valência, 2016.

19 SALES, Caldeiras José. *Concepção e percepção de tempo e de temporalidade no Egito antigo*. Lisboa, Portugal: ed. Universidade Nova de Lisboa, 2006.

20 SABELLE, Max. As primeiras culturas humanas: história da civilização mundial. Volume 1. Belo Horizonte: ed. Villa Rica, 1990.

21 SANTOS, António Ramos. *A historiografia e o tempo na Mesopotâmia*. Cultura, história e teoria das ideias. Vol. 23, 2006. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/cultura/1308>> Acesso em: 10 Jan. 2021.

22 ALLIEZ, Éric. Aiôn, Chronos. In: CASSIN, Barbara. (Ed.). *Dictionary of Untranslatables: a philosophical lexicon*. New Jersey: ed. Princeton University Press, p. 24, 2004.

- 23 HAUBERT, Laura Elizia. *Apontamentos sobre a questão do tempo na Grécia: Καίρῶς, Χρόνος e Αἰώ*. Prometheus: Journal of Philosophy, n° 31, 2019.
- 24 ATTALI, Jacques. *Histoire du temps*. Paris: ed. Fayard, 1982.
- 25 DOMINGUES, Ivan. *O fio e a trama: reflexões sobre o tempo e a história*. Belo Horizonte: ed. UFMG, 1996.
- 26 WITHROW, G.J. *O tempo na história: concepções do tempo da pré-história aos nossos dias*. Rio de Janeiro: ed. Zahar, 1993.
- 27 BLOCH, Marc. *A sociedade feudal*. São Paulo: ed. Edipro, 2016.
- 28 CULLMANN, Oscar. *Cristo e o Tempo - Tempo e História no Cristianismo Primitivo*. São Paulo: ed. Fonte Editorial, 2020.
- 29 AGOSTINHO, Santo. *A Cidade de Deus: contra os pagãos. Parte II*. Petrópolis, RJ: ed. Vozes, 2013.
- 30 LE GOFF, Jacques. *Para outra Idade Média: tempo, trabalho e cultura no Ocidente*. Petrópolis, RJ: ed. Vozes, 2014.

- 31 RUSSEL, Jeffrey B. BROOKS, Alexander. *História da bruxaria*. São Paulo: ed. Aleph, 2019.
- 32 SOUZA, Laura de Mello. *A feitiçaria na Europa moderna*. São Paulo: ed. Ática, 1987.
- 33 GOMES, João Carlos Lino. *Maquiavel e a moderna concepção da política*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, 1989.
- 34 HOBBSAWM, Eric J. *A Era das Revoluções 1789-1848*. Rio de Janeiro: ed. Paz e Terra, 2014.
- 35 KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto: ed. PUC, 2006.
- 36 WEBER, M. *A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo*. São Paulo: ed. Companhia das Letras, 2007.
- 37 SIMMEL, G. *As grandes cidades e a vida do espírito*. In: *Mana – Estudos de Antropologia Social*. V. 11 nº 2, out., pp. 577-591, 2005/1903.
- 38 PAPPENHEIM, Fritz. *A Alienação do Homem Moderno*. São Paulo: ed. Brasiliense, 1967.

39 NIETZSCHE. *A Gaia Ciência*. São Paulo: ed. Escala, 2006.

40 LACERDA, Maria Conceição. *O tempo e o espaço na concepção indígena Zoró*. *Rev. Saberes UNIJIPA, Ji-Paraná*, vol. 10, nº 3, 2018.

41 ZORÓ. Povos indígenas no Brasil, 2019. Disponível em: <[https://www.indios.org.br/pt/Povo: Zoró](https://www.indios.org.br/pt/Povo:Zoró)> Acesso em: 03 Fev. 2021.

42 LACERDA. Maria Conceição. Pajelança, xamanismo, wãwãnia: três formas de falar sobre religiões tradicionais Indígenas. Disponível em: <https://guardiadahistoriablog.wordpress.com>. Acesso em: 05 Fev. 2021.

43 WRIGHT, Martin Harold. *As adaptações dos índios Tukano e Maku-Hup`Du no rio Tiquié: Nichos ecológicos distintos ou competição por recursos?* Dissertação (Mestrado): IMPA/UFAM, Manaus, 2009. Disponível em: <http://www.bibliotecaflorestal.ufv.br>. Acesso em: 04 de Março. 2021.

44 VÍDEO. *Ciclos Anuais dos povos indígenas do Rio Tiquié - Calendário Indígena*. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCCdNlYpDfXIp-AE-7nonlZwQ>> Acesso em: 04 Fev. 2021.

45 CALENDÁRIO INDÍGENA DOS CICLOS DO RIO TIQUIÉ. Infoamazonia, 2015. Disponível em: <<https://infoamazonia.org/pt/projects/indigenous-calendar-with-tiquie-rivers-cycles>.> Acesso em: 27 Jan. 2021.

46 RICOEUR, Paul. *As culturas e o tempo*. São Paulo: ed. USP. Petrópolis, RJ: ed. Vozes, 1975.

47 BECKER, Ernest. *A negação da morte: uma abordagem psicológica da finitude humana*. Rio de Janeiro: ed. Record, 2007.

48 MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: ed. Cultrix, 1969.

49 CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: ed. Paz e Terra, 1999.

50 MURARO, Rose Marie. *Os Avanços Tecnológicos e o Futuro da Humanidade*. Petrópolis, RJ: ed. Vozes, 2009.

51 MARTINO, Luís Mauro Sa. *Teorias das mídias digitais: Linguagens, ambientes e redes*. Petrópolis, RJ: ed. Vozes: 2014.

52 OENTORO, André. Estudo de caso: Descobrimo a duração ideal do vídeo explicativo. Pesquisa publicada em 1 de dezembro de 2016 e atualizada 15 de janeiro de 2021. Disponível em: <<http://breadnbeyond.com/>

explainer-video/explainer-video-case-study-how-long-should-an-explainer-video-be/.> Acesso em: 16 de Maio de 2018.

53 GABRIEL, Martha. Você, Eu e os Robôs: Pequeno manual do mundo digital. São Paulo: ed. Atlas, 2018.

54 BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: ed. Jorge Zahar, 2001.

55 HAN, Byung Chul. *O aroma do tempo. Um ensaio filosófico sobre a arte da demora*. Lisboa, Portugal: ed. Relógio d'Água, 2016.

O tempo é vivido sempre no presente. Contudo faz real o passado nas lembranças da memória, faz desejar ou temer o futuro, introduz a saudade ou a esperança em cada instante da experiência mais imediata.

O tempo impõe seus ritmos a todos. Contudo não está vivido da mesma maneira por todos os homens e mulheres que compõem uma sociedade. Os poderosos controlam o tempo dos outros. Os que não são submetidos às urgências do cotidiano são donos de seu próprio tempo. Os que devem afrontar as dificuldades de uma vida frágil e difícil não têm domínio do tempo. As relações com o tempo são fortes expressões das desigualdades sociais.

E para você, o que é o tempo? Como o pensa? Como o vive?

Roger Chartier.